

CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO
Mestrado em Bioética

Valmir Pasa

O *ETHOS* DO POVO MARCADO PELA GUERRA DO CONTESTADO

São Paulo
2016

Valmir Pasa

O ETHOS DO POVO MARCADO PELA GUERRA DO CONTESTADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Bioética do Centro Universitário São Camilo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Bioética

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria da Glória Porto Kok.

São Paulo

2016

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Padre Inocente Radrizzani

Pasa, Valmir

O éthos do povo marcado pela guerra do Contestado / Valmir Pasa. --
São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2016.
104 p.

Orientação de Maria da Glória Porto Kok

Dissertação de Mestrado em Bioética, Centro Universitário São
Camilo, 2016.

1. Autoestima 2. Bioética 3. Conspicúo 4. Guerra do Contestado

*“Derrotados não!
Heróis de uma luta desigual!”*

Nilson Fraga

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa às vítimas da Guerra do Contestado, povo caboclo da serra catarinense, destituído dos seus direitos; aos que foram mortos na barbárie e aos que sobreviveram e foram achincalhados, abandonados e oprimidos.

Dedico aos pesquisadores da Guerra do Contestado, que não deixaram morrer a memória dos que sofreram e lutam pelo reconhecimento de um crime e pela promoção da dignidade dos remanescentes.

AGRADECIMENTOS

“A gratidão é a virtude das almas fortes.”

Esopo

Grato, em primeiro lugar, a Deus pela revelação do bem maior, a vida e sua sacralidade.

À professora Dra. Maria da Glória Porto Kok, cuja orientação proporcionou uma pesquisa com clareza e distinção de ideias.

Ao professor Nilson Fraga, fonte de inspiração, juntamente à comissão do Contestado de Lebon Régis.

A Dom Severino Clasen, pela compreensão e apoio na efetivação desta caminhada.

Enfim, uma homenagem especial ao professor Dr. Willian Saad Hossne (*in memoriam*), pela dedicação com a Bioética.

PASA, V. **O ethos do povo marcado pela guerra do Contestado**. 2016. Dissertação (Mestrado em Bioética) – Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2016.

Havia um povo, humilde e simples. Morava na região do planalto serrano catarinense, da cor do pinhão da araucária, árvore nativa da região. Seu sistema de vida era a cultura de subsistência, plantavam nas terras férteis e moravam em casas simples, construídas por suas próprias mãos. Extraíam a erva mate para manter a roda de chimarrão e vender um pouco como fonte de renda. Com a implementação da indústria madeireira, instala-se nestas terras a *Lumber*, uma grande serraria oriunda dos Estados Unidos da América. Traz o progresso da linha férrea e o trem. Começam uma grande devastação à floresta de araucária e imbuías milenares. Se não bastasse isso, o governo, como troca de favores políticos, vai conceder a posse de 15 km de terra para cada lado da estrada de ferro, expulsando de suas casinhas o sertanejo caboclo que ali morava. Houve resistência. Os matutos matreiros não se entregaram facilmente. As primeiras investidas dos soldados foram catastróficas, do ponto de vista militar, pois vão encontrar não um povo apático, desguarnecido e vulnerável, mas corajoso, valente e lutador. Por terem reagido ao “progresso”, serão reconhecidos como facínoras, ignorantes e indolentes. Por isso, as estratégias militares para destruir este povo ficarão conhecidas como a Guerra do Contestado, uma das maiores revoluções civis do Brasil. Um genocídio aconteceu nestas terras. A matança sem piedade faz deste, um massacre. Acabada a guerra, o governo emite novas expedições para a operação limpeza. Catar os fugitivos no mato, degolar famílias inteiras. Outra estratégia era escolher alguém da casa para ser degolado na frente dos seus familiares com a promessa de que, se alguém falasse sobre a guerra, morreria da mesma forma. Isto é um dos estratagemas para silenciar e que vai resultar num povo heterônimo, apático e pobre. Até hoje numa grande dívida social para a região e para a população sobrevivente que remanesce ainda hoje. Há diversas defasagens na área cultura, da educação, da economia mas, sobretudo, moral. A guerra é marca indelével neste povo: por vezes violento, vulnerável, submisso, abandonado, esquecido, mas, ao mesmo tempo, lutador, corajoso, audaz, religioso e feliz.

Palavras-chave: ethos, Bioética, Guerra do Contestado, caboclo

PASA, V. The people ethos marked by war Contestado. 2016. Dissertation (Masters in Bioethics) - University Center São Camilo, São Paulo, 2016.

There was a people humble and simple. He lived in the region of Santa Catarina mountainous plateau, the Araucaria pine nuts color, tree native to the region. His way of life was the subsistence crop, planted in the fertile lands and lived in simple houses built by their own hands. Yerba mate extract to keep the mate wheel and sell some as an income source. With the implementation of the timber industry, installs these lands Lumber, a large sawmill originating from the United States of America. Brings the progress of the railway and the train. They get a great devastation to the Araucaria forest and ancient imbuia. If this were not enough, the government, such as exchange of political favors, will grant possession of 15 km of land to each side of the railroad, expelling from their houses the Caboclo countryman who lived there. There was resistance. The crafty hillbillies not delivered easily. The first attacks of the soldiers were catastrophic from the military point of view, as they will not find an apathetic people, unprotected and vulnerable, but courageous, brave and fighter. Because they have reacted to the "progress" will be recognized as criminals, ignorant and indolent. Therefore, military strategies to destroy this people will be known as the Contested War, one of the largest civil revolutions in Brazil. Genocide has taken place in these lands. The killing mercilessly makes this a massacre. Finished the war, the government issues new expeditions to the cleaning operation. Qatar fugitive in the bush, beheading entire families. Another strategy was to choose someone from home to be beheaded in front of his family with the promise that if anyone spoke about the war, would die the same way. This is one of the ploys to silence and that will result in a heteronomous, apathetic and poor people. Even today a large social debt for the region and for the surviving population that still remains today. There are several gaps in the area culture, education, the economy, but above all moral. War is indelible mark on this people, sometimes violent, vulnerable, submissive, abandoned, forgotten, but at the same time, fighter, brave, bold, religious and happy.

Keywords: ethos, Bioethics, Contested War, Caboclo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
Tema contundente	10
Justificativa	12
Objetivos	14
Métodos de Pesquisa	15
2. A GUERRA DO CONTESTADO: TERRITÓRIO E CONTEXTO.....	18
Contexto do Contestado.....	19
Primeiro Conflito do Contestado.....	19
Segundo Conflito do Contestado.....	20
Terceiro Conflito do Contestado.....	22
3. AGENTES DOS CONFLITOS.....	24
3.1 Personagens da Guerra	24
Os Caboclos.....	24
Os interessados no capital	27
O Governo envia o Exército	35
Os jagunços	38
Os freis franciscanos.....	40
Os imigrantes	41
3.2 Os Redutos	43
Irani, o primeiro combate.....	43
Taquaruçu	43
Caraguatá.....	47
Serra de Santa Maria	50
3.3 O Misticismo.....	57
3.4 As Mulheres do Contestado	58

4. MEMÓRIA DAS PRIMEIRAS FONTES	61
Vicente Telles.....	63
Maria Trindade Martin	68
Celia Belli Oliveira	71
5. A BIOÉTICA.....	75
5.1. A origem da ética e da moral.....	76
5.2. Bioética, novas conclusões para novas arguições	80
5.3. A bioética aplicada ao Contestado	85
5.3.1. Um passado marcado pelo sangue	86
5.3.2. O presente e uma dívida social	87
5.3.3. Iniciativas futuras que contribuem na recuperação do Contestado	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

1 INTRODUÇÃO

Quando Euclides da Cunha escreve **Os Sertões**, em 1902, deixa registrado na história do sertão de Canudos as vicissitudes climáticas, a estranha terra arenosa, a rara e empobrecida vegetação da caatinga, o Rio São Francisco, a seca e, principalmente, o sertanejo. Uma raça forte, miscigenada do vaqueiro, do jagunço, do bandeirante, entre outros, que resulta no simples, incauto e despretensioso sertanejo.

Povo forte que, sob a direção de Antônio Conselheiro, na terra de Monte Santo, estabelece um jeito diferente de conviver. O princípio era a partilha e a solidariedade. Uma “civilização de empréstimo”, segundo Euclides da Cunha. A soberania popular e a política de sobrevivência sob regime coletivista, permitia que até o mais pobre também tivesse uma casa, o que comer e os ensinamentos de fé do Conselheiro, moveram as autoridades do governo, o poder econômico e o religioso para um dos maiores massacres da história do país.

No fim de outubro de 1897 o Exército Militar pôs fim à iniciativa sertaneja. Cunha se refere ao fato como “crime contra o sertanejo”.

Em muitos aspectos a Guerra do Canudos se assemelha à Guerra do Contestado¹, retratada nesta pesquisa.

TEMA

Quinze anos depois de Canudos, outra resistência, a dos caboclos sertanejos, entre Santa Catarina e Paraná, opuseram-se à invasão das indústrias, à arbitrariedade do Estado e à violência dos jagunços por estes adestrados.

¹ Sejam quais forem as causas e seja qual for o significado atribuído ao movimento, sabe-se que na região contestada, durante quatro anos, aproximadamente 20 mil pessoas se rebelaram contra a ordem vigente e 6 mil homens das tropas legais do governo foram deslocados à região. Segundo fontes oficiais do exército, 3 mil vidas foram perdidas, número que apesar de discutível chega-se a cogitar em 12 mil mortos serve para nos dar uma ideia da magnitude do acontecimento. Números que serviram a Ivone Gallo de justificativa inicial para a inclusão de mais uma, entre as incontáveis interpretações da guerra, pois, quanto mais se diz sobre os acontecimentos naqueles sertões, mais falta, ainda, ser dito (GALLO, 1999, p.11.).

De um lado do conflito, estavam os caboclos, pessoas que habitavam nas terras e subsistiam a partir delas. Do outro, o Estado e a indústria, que almejavam explorar a madeira, riqueza natural destas terras e que se somavam ao interesse dos latifundiários e fazendeiros que cobiçavam as terras.

O conflito dura muitos anos, mas tem seu ápice entre 1912 e 1915. Alcança as cidades localizadas no planalto serrano catarinense. A guerra foi uma luta de desiguais. Os caboclos, originais donos deste campo, também conhecidos como fanáticos, lutavam entrincheirados e suas armas eram facões de pau. O exército e os jagunços, contratados para matar caboclos, vinham de espingarda, canhão e de uma incomparável habilidade para matar. “Uma das maiores guerras civis do continente americano, pois o genocídio de milhares de camponeses pobres foi sua principal marca” (FRAGA, 2010, p.115).

Visualizar a história do Contestado a partir da Bioética permite observar as gigantescas atrocidades cometidas contra o ser humano e a natureza, em vista dos interesses financeiros. Os problemas tratados pela Bioética dizem respeito ao que e como o ser humano vive. Uma guerra entre desiguais vira massacre.

O ethos, enquanto termo e conceito, identifica notoriamente o que pretende a pesquisa. Há uma distinção no “ethos” grego, escrito com “épsilon” ou “eta”. O primeiro, segundo Marciano Vidal designa *costume* e o segundo, *caráter* (VIDAL, 1979, p.19).

O Ethos possui significados fundamentais. Conforme o mais antigo e primeiro significado, queria dizer ‘residência’, ‘morada’, ‘lugar onde se habita’. Usava-se primeiramente, sobretudo na poesia, com referência aos animais, para fazer alusões aos lugares onde se criavam e se encontravam, e aos lugares de suas pastagens e redes. Depois se aplicou aos povos e aos homens no sentido de seu país (...) Contudo é a acepção mais usual do vocábulo *ethos* aquela que, conforme toda a tradição filosófica a partir de Aristóteles é aplicada diretamente à Ética. Segundo ela, significa ‘modo de ser’ ou ‘caráter’ (ARANGUREN *apud* VIDAL, 1979, p.23).

A pesquisa aludirá ao Ethos, enquanto costumes e caráter, do povo caboclo remanescente da guerra ou dos que foram influenciados por ela, uma guerra tal qual a de Canudos. Um massacre ou genocídio.

JUSTIFICATIVA

A Bioética trata dos problemas éticos relacionados à vida das pessoas. Se consideramos, a partir de Potter, que a Bioética é uma “nova ética científica, que combina humildade, responsabilidade e competência, numa perspectiva interdisciplinar e intercultural que potencializa o sentido da humanidade” (POTTER *apud* GRACIA, 2010, p.121).

Olhar a realidade com os óculos da ética aplicada nos põe diante de um mundo atroz, sem limites que torna o ser humano objeto de especulação, interesse e descartável. Uma mistanásia ou um genocídio, como foi o caso deste combate, direciona o nosso pensamento para refletir sobre o sentido da vida, o valor da pessoa humana e o poder do capital em detrimento da dignidade humana e da própria natureza que o faz viver.

A ética, enquanto uma disciplina, se refere à reflexão crítica sobre o comportamento humano, reflexão que interpreta, discute e problematiza, investiga os valores, princípios e o comportamento moral à procura do “bom”, da “vida boa”, do “do estar da vida em sociedade”. Assim, “ Ética é um dos mecanismos de regulação das relações sociais do homem, que visa garantir a coesão social e harmonizar interesses individuais e coletivos (BARCHIFONTAINE e PESSINI, 2002, p.182).

Um olhar para o “ontem” da guerra, examinando aquele fato com suas consequências, obriga a contemplar o “hoje”, isto é, as marcas, as influências. Uma construção histórica, ao longo dos tempos, caracterizada nas formas, jeitos, costumes, tradições, hábitos, regras, vontades etc. de hoje.

Conforme alude Pegoraro, “do seio do processo histórico emerge também a ética”. Entender a dinâmica da história nos põe diante de uma realidade complexa e multifacetada. No tocante ao ensejo de uma guerra e suas consequências, é ainda mais difícil devido às marcas de profundo sentimento e ressentimento que por vezes, quando tocadas, reabrem feridas na memória.

O sujeito ético é o ser humano situado na história que, contando com a experiência humana passada, olha para o futuro de si e do mundo, com responsabilidade ética exclusiva. O passado já não está sob nosso controle, mas o futuro é um campo obscuro e aberto à nossa liberdade e criatividade. (PEGORARO *in* PESSINI e BARCHIFONTAINE, 1996, p.81).

Emerge um compromisso àquele que reflete a história. Não para estagnar na fenomenologia, mas que pode desenvolver “intensa reflexão sobre a qualidade do mundo que legaremos às gerações futuras”, conforme Pegoraro.

O fato é que permanecem resquícios de anomia, rebeldia e violência na cultura que se desencadeou pelo tempo. No entanto, ainda o que causa mais furor é o esquecimento da região contestada por parte do governo, ao longo da história, até hoje. As limitações culturais, a falta de investimento e acesso à educação de qualidade, a infraestrutura depauperada, o completo abandono das rodovias, a inexistência de projetos para geração de renda, a migração para o litoral são alguns dos aspectos que levam a constatar o esquecimento da região por parte do poder público.

Há que se considerar um terceiro olhar, para o “amanhã”. Poderia permanecer taciturno aquele que reconhece toda esta história, identifica todas as nefastas consequências e não se compromete com a realidade e uma possível transformação social?

Este trabalho pode identificar alguns mecanismos de opressão causados pelo esquecimento desta parcela da sociedade catarinense consistindo, portanto, numa denúncia ao descaso com a população sobrevivente e que se reconstruiu basicamente com seus próprios esforços e recursos.

Uma guerra deixa marcas profundas e que perpassam as gerações. Quando se ouve as histórias, os relatos dos sentimentos e das experiências vividas denota-se a profunda angústia do horror da guerra. O sangue dos filhos na terra, a impotência perante o mais forte e a fragilidade da pobreza ensejam a cultura do medo, da revolta e da resistência e a omissão das autoridades na reconstrução sócio-econômico-cultural desta região.

É perceptível uma moral heterônoma e de anomia, por vezes. Kant fala na necessidade do autogoverno, da autonomia. Tornar-se agente racional. Segundo o filósofo, “a autonomia é, portanto, o solo indispensável da dignidade da natureza humana ou de qualquer natureza racional” (KANT *apud* PESSINI e BARCHIFONTAINE, 1996, p.59).

Este estudo elucida tais comportamentos e possibilidades a reconstrução da cultura da esperança e do encantamento deixado pelos místicos, profetas e anciãos.

E em que podemos considerar como um tema para a Bioética?

A Bioética é multifacetada. Ela se constrói a partir das realidades da necessidade de defender a vida quando há sinais de morte e destruição. Guy Durant resgata Malherbe quando diz que “a bioética é o estudo das normas que dever reger nossa ação no domínio da intervenção técnica do homem sobre a sua própria vida” (DURANT, 1989, p.25).

A este tema, especificamente, podemos destacar o papel da Bioética como ética social. Conforme Pessini e Barchifontaine, “a ética social procura soluções para o conflito entre os superprivilegiados e os pobres. As questões em maior ou menor intensidade versam sobre o conflito: a tendência para os mais privilegiados *versus* a luta pela sobrevivência” (PESSINI e BARCHIFONTAINE, 2010, p.108).

Diante do senso de justiça e responsabilidade, faz-se eloquente o clamor pela vida e pela justiça sobre a terra, conteúdo fulcral da Carta da Terra. Afirma:

Aceitar que com o direito de possuir, administrar e usar os recursos naturais vem o dever de impedir o dano causado ao meio ambiente e de proteger o direito das pessoas; reconhecer ao ignorado, proteger o vulnerável, servir àqueles que sofrem e permitir-lhes desenvolver suas capacidades e alcançar suas aspirações (Carta da Terra, 2,9, pp. 597-598).

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Esta pesquisa pretende investigar as marcas deixadas pela Guerra do Contestado, identificando as influências no modo de viver das pessoas e reconhecimento da guerra como genocídio, suas consequências infaustas e a contribuição da bioética no resgate da dignidade e autonomia e restauração do patrimônio cultural e histórico.

Objetos Específicos

Identificar os costumes que surgiram no pós-guerra do sertanejo caboclo;

Ouvir as pessoas que trazem a memória viva da guerra, que a tenham vivido mais proximamente ao ocorrido, procurando registrar estas informações que permanecem na tradição;

Identificar os fatores que desencadearam ou ainda desencadeiam a anomia e heteronomia deste povo, nesta cultura;

Discutir o esquecimento desta parcela da população, por parte do poder público e econômico, que ocasiona o empobrecimento cultural e social;

MÉTODOS DE PESQUISA

A abordagem desta pesquisa se dará a partir das referências bibliográficas, supondo que sejam exíguas as publicações que relacionem a Guerra do Contestado à ética e à moral. Certamente, o tema está diluído nas muitas publicações de história, sociologia e geografia, mas não é explícito. Menos ainda é a Bioética, isto é, uma análise que trate a guerra como genocídio ou mistanásia.

Interessa-nos muito ouvir os idosos que remanescem da guerra ou que são influenciados por pais ou parentes que a tenham vivido. São os que guardam no coração as marcas: mágoas, feridas, pensamentos, hábitos. Esta pesquisa de campo se dará através de um questionário ou de conversas informais, tomando cuidados necessários com a fidelidade e registro destas conversações.

A principal fonte de pesquisa é a tradição oral dos remanescentes do conflito. Ainda vivem pessoas que sofreram influência direta do evento, seja pelas marcas do medo, fome, violência e massacre, ou pelas histórias transmitidas pelos parentes que viveram na batalha.

É relevante o destaque que Paul Thompson dá à história oral. Trata-se de um “resgate da memória (...). A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON *apud* MATOS e SENNA, 2011, p.96).

Contar e ouvir histórias são práticas que vêm desde o início do desenvolvimento do pensamento humano. “A fonte oral pode acrescentar um dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes necessita de documentos variados, não somente os escritos” (MATOS e SENNA. 2011, p.96).

Contos são registros de uma memória informal que se baseiam em relatos de eventos e acontecimentos que marcaram profundamente a vida e construíram a história. De alguma forma estas histórias podem influenciar o jeito de ser e viver dos que contam e ouvem.

As fontes a serem pesquisadas viveram a guerra e por isso, não obstante a idade que já ultrapassa um centenário, mantém viva na memória as cenas e os acontecimentos mais atrozes e, por consequência, mais relevantes e contundentes da história vivida.

A história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989, p.4).

Outros são os filhos e netos que recuperam as histórias contadas por seus ancestrais que registraram por serem mais impressionantes. Não é difícil encontrar quem afirme: “meu avô sempre contava...”. São relatos de uma barbárie, muitas vezes com sensíveis contradições. Contudo, na esteira da história os relatos se fecham como retalhos que formam um mosaico.

Recordam Matos e Senna não se tratar apenas de uma lembrança, mas de uma história vivida num contexto familiar ou social. Estas lembranças são filtradas com o passar do tempo e é muito natural que se fixem as que ganharam mais importância para a quem as revela.

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos (ALBERTI, 1989, p.4)

Evidentemente, uma guerra desencadeia traumas e subterfúgios. Muitas vezes tocar no assunto é recuperar dores, solidões, traições, medos etc. Por isso, deve haver muita cautela na abordagem de tais temas. Ainda assim, há quem relate com orgulho a história da resistência, não de fracasso, pois não há fracassados em uma luta de desiguais.

As personagens que ilustram a história trazem as tradições, o que aprenderam, as cicatrizes na alma. A história por muito tempo contou a versão oficial, cuja descrição

era de que o governo liberou seu exército para pôr ordem no lugar no qual fanáticos, facínoras, ignorantes e violentos detinham o progresso, o avanço trazido pela indústria internacional.

Mais recentemente pesquisas sobre o Contestado, foram desvelando a história pela versão dos que sofreram, tiveram que fugir dos fuzis e dos canhões, esconder-se na mata por muito tempo, passando frio e fome. Destes heróis sobreviventes, entre eles, muitas crianças, é que se busca resgatar um lado pouco conhecido da guerra.

Há que se respeitar a memória da criança. José de Souza Martins² pondera: “A criança sabe mais do que a gente imagina. A memória da criança fica na memória destes velhos, idosos. A criança é uma arquivo histórico que está ali”(“Meninos do Contestado”, 2002).

É notável a lucidez destas pessoas. Como se pondera no documentário, “Meninos do Contestado”: Ouvir as personagens que participaram da guerra

é uma iniciativa excepcionalmente interessante. Ela é rica, enriquecedora e desafiadora. Ela tira o monopólio da discussão histórica dos historiadores. O historiador tem uma perspectiva acadêmica. Um jornalista, ou entrevistador vê, ao vivo, e estabelece conexão com a vida das pessoas (“Meninos do Contestado”, 2012).

Concerne à entrevista um momento privilegiado para ouvir atentamente a testemunha, antes porém, conhecê-la e respeitá-la. Matos e Senna estabelecem algumas regras que auxiliam no registro dos fatos tais como o local que de segurança ao entrevistado; um diálogo mais amistoso do que um questionário que evidencie interrogatório; o tempo deve permitir ao entrevistado tranquilidade ao invés de uma pressão que iniba ou bloqueie o testemunho; a gravação deve ser previamente acordada e jamais destruída, pois é documento original que se deve consultar; é indispensável evitar constrangimento e prosseguir caso haja aspecto de tortura ou perturbação incômoda; por fim, que a transcrição tenha a máxima fidelidade ao discurso e seja agradável para os leitores.

² Historiador da USP, um dos jornalistas pesquisadores que compuseram o documentário: “Meninos do Contestado”. Uma pesquisa que levou em consideração a história vivida e contada por quem a viveu. Para recontar a Guerra do Contestado (1912-1916), o repórter especial da Agência Estado, Leonencio. Nossa e o repórter fotográfico Celso Júnior consultaram 13 caixas de documentos militares produzidos durante o conflito. Mais de dois mil papéis e 87 fotografias foram reproduzidos. Para localizar as "crianças" do Contestado, “**O Estado**” recorreu a cinco rádios da região, sistemas de som de postes, blogs comunitários, pequenos jornais, comunidades religiosas e cartórios de registro civil de várias cidades.

2 A GUERRA DO CONTESTADO: TERRITÓRIO E CONTEXTO

A história relata um genocídio que ficou conhecido por Guerra dos Fanáticos³, Guerra dos Pelados, Guerra dos Jagunços ou Guerra do Contestado.

Há um silêncio histórico em torno deste acontecido. Paira uma desordem nos fatos e relatos conforme o ponto de vista de quem conta esta história. Há uma versão contada e conhecida. A versão dos vencedores que “merecem” o galardão histórico de heróis que promoveram o progresso, reestabeleceram a ordem e devolveram a paz. E outra, a do silêncio dos mortos inocentes banidos de suas terras, tomados de loucos rebeldes, insurgentes, criminosos que agiam contra o promissor desenvolvimento econômico na região.

Aconteceu entre os anos 1912 e 1915. Trata-se da história da região entre o Paraná e Santa Catarina.

Para Paulo Ramos Derengoski, a Guerra do Contestado foi um acontecimento multifacético, complexo, fruto de inúmeras causas.

Aberrações sociais, patologia econômica, questões limítrofes entre Estados, arrocho fiscal, surto messiânico, fanatismo religioso, disputas políticas provincianas, luta pela posse de terras, cobiça por pinheirais, açambarcamento de erva-mate, avanço de grupos estrangeiros, grilagem, ignorância, milenarismo, miséria (DERENGOSKI, 1986, p.10).

Um conflito social, para sociólogos e historiadores. Uma campanha militar para estabelecer a ordem e o progresso, segundo o governo.

Mas o que foi mesmo? Um massacre contra um povo que defendia o direito de ter seu cantinho para recostar a cabeça nalgum rancho de chão batido, no sossego de uma baforada de palheiro, ouvindo aquelas histórias contadas pelos mais velhos, nas mais atraentes rodas de chimarrão, com toda a família reunida.

Galeano definiu como “uma das maiores guerras civis do Continente Americano. Um genocídio de milhares de camponeses pobres” (GALEANO, 1986).

³ Assim definidos por Cabral: Fanatismo era agir de um grupo social desviado pelas doutrinas sediciosas de um místico, cujas práticas afastavam-se da ortodoxia católica, cunhado pela elite política da época (CABRAL, 1960).

Contexto do Contestado

Contestado pode ser considerado o processo pelo qual passou parte do território paranaense e catarinense até confirmarem-se as fronteiras e os respectivos proprietários destas terras.

Foram três etapas de conflito. A primeira, uma disputa entre o Brasil e a Argentina que pleiteava parte do território ampliando a extensão do país hispano-americano. Em seguida, surge um conflito entre Paraná e Santa Catarina que disputavam as divisas. Paraná pretendia expandir suas divisas até o Rio do Peixe e Santa Catarina, por sua vez, estender suas margens até o Rio Uruguai.

Porém o maior de todos os conflitos, ainda enquanto os estados disputavam as divisas, ocorre com a chegada de uma empresa norte-americana para a extração da madeira e a expulsão do nativo desta região. Neste cenário irrompe a maior guerra civil do território brasileiro.

Primeiro conflito do Contestado

A data de início dos conflitos desta terra é o ano 1870, quando a Argentina queria incorporar ao seu território, todo o atual sudoeste do Paraná, e a maior parte do atual Oeste de Santa Catarina, conforme figura a seguir



Terras contestadas
Fonte: GNOATTO, 2015

Segundo Gnoatto, baseando em fontes locais, “assim que terminou a Guerra do Paraguai (1870), os argentinos passaram a pressionar o Brasil, reivindicando este território” (GNOATTO, 2015). Segundo o interesse Argentino, o sudoeste do Paraná e o oeste catarinense deveriam pertencer ao País argentino. Os rios que banhavam estas terras eram usados pelos argentinos na extração da erva mate. A defesa para o lado brasileiro foi feita por José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, cujo argumento defendia que os argentinos eram apenas usurpadores de matéria-prima, enquanto os moradores da região eram brasileiros.

A lide foi resolvida em *Washington*, pelo então presidente dos Estados Unidos da América, Stephen Grover Cleveland, que deu vitória ao Brasil, conforme Laudo Arbitral de 05 de Fevereiro de 1895, determinando as fronteiras pelos rios Periry e San Antonio-guazu, afluentes do Rio Uruguai e Rio Iguazu respectivamente. Os rios definem as fronteiras entre Brasil e Argentina. (cf. EUA, 1985). Esta demanda ficou conhecida como a “Questão de Palmas”.

Segundo conflito do Contestado

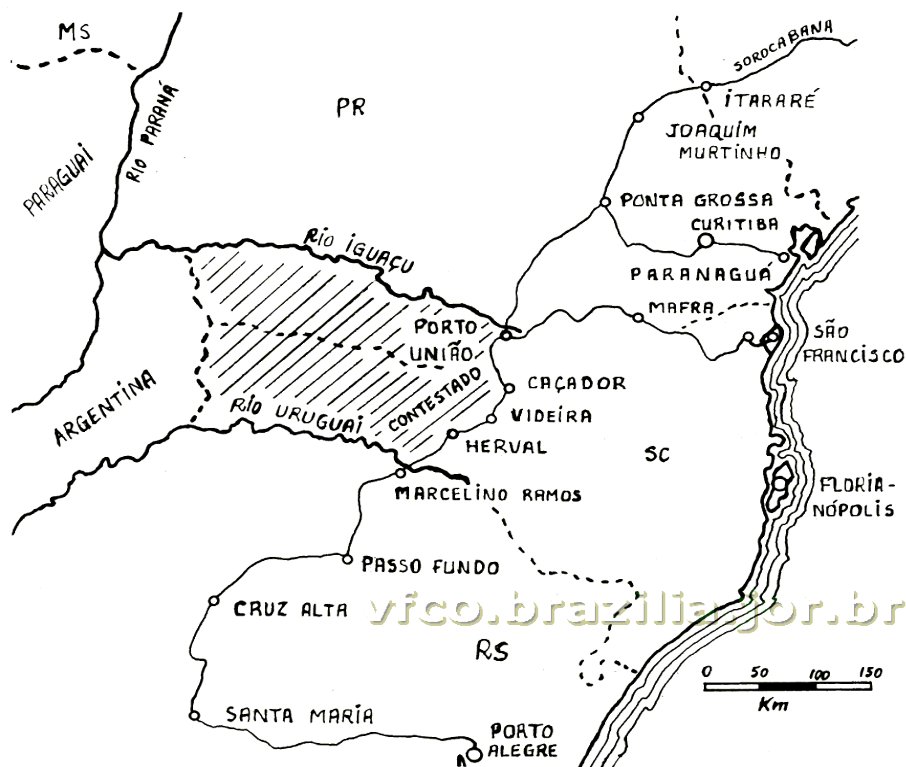
Nilson Fraga, em sua tese de doutorado em pesquisa sobre o Contestado, faz alusão a este período desde 1767, quando o governo paulista fundou Lages em área que os catarinenses consideravam deles. Somente em 1820, Lages foi incorporada a Santa Catarina, o que não significou solução para as questões de limites (FRAGA, 2006).

Para o pesquisador, em 1838 foram descobertos os Campos das Palmas que os paulistas invadem e exploram, pois essas terras eram consideradas catarinenses por direito. Desenvolve-se também a discussão entre os presidentes das províncias de São Paulo e de Santa Catarina que, a partir de 1853, com a criação da província do Paraná, desmembrada de São Paulo, passa a ser a parte interessada nas questões de limites. O Paraná herdou um problema de limites que vinha se arrastando desde os tempos do Brasil colonial. Para os paranaenses, a nova província limitava-se ao sul, pelos rios Pelotas e Uruguai.

Foi um longo período, de 1853 a 1916, até o final das discussões sobre estas demarcações dos limites entre os Estados de Santa Catarina e Paraná. Tratava-se de 48 mil Km² sendo litigadas por ambos estados.

Conforme Fraga, para os catarinenses, o Paraná terminava nos rios Negro e Iguçu. A decisão ficou a responsabilidade do Supremo Tribunal Federal, que deu ganho de causa para o estado de Santa Catarina. Diante de novos embargos interpostos pelo Paraná, que contratou o jurista Inglês de Souza, o STF, em julho de 1910, pela terceira vez, manteve o acórdão da decisão de 1904. Porém, a decisão não foi executada de imediato. O juiz federal de Curitiba, João Batista da Costa Carvalho, aceitou alegação do Paraná, segundo a qual uma lei federal deveria regulamentar a questão. O acórdão do STF ficou sem execução. Entretanto, já se incendiara o estopim nos campos do Irani – a guerra e o genocídio nas terras contestadas haviam iniciado. E naquele momento, do lado paranaense, a imprensa incitava os ânimos, o bairrismo se exaltava e se usavam argumentos como criminalidade no território catarinense do Contestado (FRAGA, 2006).

Destaca-se a má vontade das oligarquias na divisão dos limites e das terras. E, posteriormente, a total indiferença aos reais posseiros da terra, os nativos caboclos sertanejos.



Fonte: Mapa e cronologia da ferrovia

Houve um acordo em 20 de outubro de 1916, entre os dois estados que definiu ao meio as terras contestadas, propôs uma solução da questão dos limites. O

presidente mediou este conflito. Quem mandava na região eram os presidentes das provinciais e determinavam para quem eram concedidas estas terras “devolutas”. Este acordo foi chamado de Emancipacionismo Regional.

Terceiro conflito do Contestado

Contudo, o Contestado vai receber maior sentido quando o governo brasileiro cede às companhias internacionais as terras “devolutas” para indústrias que outrora forjavam contentas agora aguçam o interesse da indústria internacional pela extração da madeira e pela demarcação das terras ao longo da ferrovia, a ser construída para retirar a matéria-prima, que ficariam de posse da indústria internacional.

Defende o historiador Nilson Thomé, em Documentário intitulado “A guerra do Contestado”(2012), que há a deflagração da Guerra do Contestado, como conflito com os caboclos nativos da região se deve ao início do tráfego ferroviário e da expulsão dos nativos de suas terras pelas empresas extrativistas de madeira.

Daí decorre a natural e inevitável insurreição dos caboclos sertanejos nativos. Seu primeiro alvo, segundo Thomé, foi a ferrovia: arrancar os trilhos, destruir as pontes e queimar as estações. A ferrovia ficou com o tráfego interrompido até 1915, somente depois de muita guerra e do genocídio ao povo nativo é que a ferrovia cumpriu a missão para a extração da madeira e o transporte de pessoas e mercadorias.

Este é o principal motivo de um movimento ou conflito social que se desencadeou em uma das maiores guerras do país em todos os tempos.

Com conotação política, econômica, religiosa, cultural e social. Galeano (1986) vê este movimento com característica de extermínio,

Conforme Thomé.

A agressão não era apenas ao meio-ambiente natural, mas também ao elemento humano que habitava as matas: o caboclo. A devastação se dava sob o olhar sorrateiro dos caboclos, que tinham na araucária uma das maiores dádivas da natureza: o pinhão, seu fruto, alimento indispensável para os animais selvagens e para si mesmo (THOMÉ, 2009).

Para o autor, a ferrovia, as madeiras e a colonização estrangeira são invasores do seu território. Há um rompimento com a liberdade dos nativos e uma ocupação à terra que já possuía dono.

A arbitrariedade do poder político desvela a opressão do Estado, o uso desproporcional da força e o que é pior, o deslocamento do direito civil dos pátrios para os estrangeiros que ocupavam e destruíam tudo por onde passavam;

Quanto ao poder econômico, Thomé alude ao canadense, *Trust of Toronto*, responsável pela implantação dos trilhos da Companhia Estrada de Ferro SP-RS, mais tarde conhecida como, Ferrovia do Contestado. O objetivo era retirar a araucária e outras riquezas da região. Há uma invasão internacional na região que associa os interesses do governo aos das empresas que conflitam aos dos nativos.

Foi um conflito de ordem religiosa também. Devido à influência de monges, os caboclos insurgentes também ficaram conhecidos como “fanáticos”, por seguirem homens e acreditarem em homens “enviados por Deus”, com mensagens proféticas e que os orientavam pra luta ou que lhes ensinavam a rezar.

Esta guerra representa até hoje um atentado à cultura regional. Um prejuízo enorme causado pela deficiência na educação, pela perda da autoestima e pela história mentirosa forjada para mascarar a realidade do genocídio, transformando herói em bandido, faz com que o povo caboclo também perca o interesse em estudar seus ancestrais e recuperar, retransmitir e reviver suas tradições. Relevante neste quesito é a decadência ética a ser analisada nesta pesquisa posteriormente.

Enfim, socialmente é que se ensejam as mais funestas consequências da Guerra do Contestado: um povo dizimado com força desproporcional, uma nação esquecida até hoje pelas instâncias governamentais. Mortos, aniquilados, humilhados, expatriados, esquecidos, abandonados. Este é o resultado de uma guerra que para trazer o progresso conforme o interesse capitalista se esqueceu do ser humano.

3 AGENTES DOS CONFLITOS

3.1. Personagens da Guerra

Os caboclos⁴

Euclides da Cunha, ao celebrar a Guerra de Canudos em sua obra, **Os Sertões**, num capítulo se reporta ao Homem, descrevendo o sertanejo mestiço brasileiro.

No Contestado, esta referência é destinada ao caboclo. Schuller Sobrinho assim define

Este homem, o caboclo, no período de 1550 e 1912, (...), já era miscigenado, como veremos, entre árabes, berberes, maragatos, e visigodos da Península Ibérica, visigodos vindos para o Brasil e outros nascidos na Terra de Santa Cruz, negros escravos e outros já nascidos brasileiros, índios Carijó, Guarani e, principalmente, Xokleng que habitavam as terras serranas,(...). (SCHULLER SOBRINHO, 2000, p.14)

É necessário identificar o caboclo serrano, a quem afere Aujor Ávila da Luz: “é uma mistura das três (raças) com predominância da indígena e da branca” (LUZ, 1999. p.69). Para Luz, a população indígena não se atribui diretamente ao Kaingang e Xokleng que viviam por aqui, porque provavelmente tenham sido dizimados ou afugentados pelos brancos. Esta população miscigena “dos bandeirantes, mamelucos e dos índios mansos de São Paulo”(LUZ, 1999. p.69).

Fraga os distingue como “habitantes dos sertões de Santa Catarina e Paraná que pertenciam a várias raças, dentre as quais mouros, índios, negros, que com o

⁴ Caboclo: A denominação de caboclo abrangia vários tipos humanos: o branco (lusitano e castelhano), o índio (tupi-guarani, kaingang, xokleng), o negro (escravo), o mameluco (mesclagem do branco com o índio), o cafuzo (negro com índio), o mulato (mestiço de branco e negro). Caboclo era o cidadão do Planalto Catarinense, acanhado, lento, face queimada pelo sol, tinha dentro de si o alto sentimento de justiça. Era corajoso, violento e ao mesmo tempo fraco, leal e honrado (THOMÉ, 1992). Também eram assimilados pelas alcunhas: matutos, inteligentes guerrilheiros, fanáticos, loucos, jagunços, humildes, bravos, destemidos, bandidos, endemoniados, audaciosos, errantes...

tempo se foram miscigenando, criando um novo tipo de homem, nomeado de caboclo, ou, ainda, homem da cor do pinhão (FRAGA, 2006, p.112).

Encontrava-se na região, os refugiados das Revoluções Farroupilha (1835-1845) e Federalista (1892-1894), que se instalaram esperando não serem encontrados, o que ajudou na formação de um povo guerreiro, destaca Fraga, e também os tropeiros gaúchos que conduziam o gado. Eram de origem africana e transitavam em busca de novas terras.

Eram os nativos da região. Pessoas simples, matreiros, mestiços⁵ de índios e negros, muito ligados à natureza e à terra. Colhiam erva-mate para gerar alguma renda ou sobreviviam das próprias benesses da natureza.

Thomé, um dos profícuos pesquisadores *in loco* das experiências do Contestado conceitua o caboclo:

É o caboclo o cidadão do Planalto Catarinense, desde o início do século proletário do campo, do sertão ou da roça, o sertanejo, o caipira, bastante místico, voz grossa, mas lento no andar, desconfiado, afeiçoado à caça e à pesca. De pele pardacenta, nele corre o sangue alegre, afeito, trabalhador, disposto e justo do negro escravo; do bravo guerreiro indígena, indolente e sempre temido. Tem dentro de si alto sentimento de justiça, do bem e do coletivismo dos desbravadores, colonizadores e povoadores. Assim é o caboclo da nossa região, o de ontem e o de hoje. Desde seus primórdios guarda suas virtudes e seus defeitos, é corajoso, instintivo e violento, ao mesmo tempo em que é franco, leal e honrado (THOMÉ, 1984, p.9)

Uma etnia carregada de preconceito. Isto pode ser compreendido desde o contestado até hoje. Lazarin alude àqueles “que tendiam facilmente para o fanatismo e para a loucura porque eram mestiços” (LAZARIN, 2005, p.12). Ainda distingue a autora:

A recusa da categoria caboclo não surpreende quando percebemos que associada a ela aparecem designações como ignorantes, preguiçosos, fanáticos, loucos, jagunços, criminosos, facínoras, desajustados sociais, marginais. Designações que infestam as páginas e páginas dos escritos sobre a Guerra Sertaneja do Contestado e que constroem sujeitos abjetos, cuja imagem é utilizada para marcar posições sociais de determinados indivíduos até a atualidade de modo eficaz e indiscutível porque naturalizada (LAZARIN, 2005, p.13).

⁵ As referências ao “mestiço” são sempre depreciativas e pejorativas. Refere-se a “vadios, impulsivos, imprevidentes, sugestionáveis e superexcitados sexuais. Intelectualmente, entretanto, não são inferiores ao branco” (LUZ, 1999, p.71).

A literatura segue vicejante e criativa. Derengoski demonstra essa imaginação com as expressões “imensa horda molambenta”, entre outros.

O povaréu das serras parecia ensandecido e aderiu em massa à rebelião: eram ervateiros, fazendeiros, políticos provincianos, aventureiros, biscateiros, desempregados, molambentos, desertores, mandraqueiros, cavaleras, vagamundos, ratos e homens. Mas a grande massa(...) era constituída de antigos lavradores, empobrecidos na falta de terra, da qual não esperavam nada mais a não ser a cova (DERENGOSKI, 1986, p.80).

A reputação deste povo, sob o ponto de vista dos outros, é de “preguiçoso, pobre, pouco confiável, arredo, ‘bicho do mato’”, lembra Lazarin. Porém, consideravam-se “caboclos valentes” e “que não desistem da luta”. Dentre suas características está a índole violenta. Segundo Thomé, o caboclo se envolveu na Revolução Farroupilha, compôs um grupo de voluntários da Guerra do Paraguai e envolveu na Revolução Federalista de 1893 e tinha posse e estava acostumado à arma (“A Guerra do Contestado”, 2012).

Por alguns historiadores, são confundidos com os “jagunços” que viviam nos sertões como bugres, gente do mato e quase que “como bicho”, ao passo que os distinguem os jagunços como os capangas e pistoleiros contratados das fazendas para “fazer o serviço mais sujo”, ou seja, matar os caboclos mais violentos e arredios. Far-se-á a distinção entre ambos, para facilitar a compreensão, embora para historiadores, literatos e no senso comum haja muita confusão.

São os primeiros atores protagonistas da guerra.

Eloy Tonon os chama de sertanejos aqueles que viviam nas terras que foram incorporadas ao patrimônio das grandes empresas que chegaram para explorar a madeira da região. Eram os donos de fato das terras onde habitavam há várias gerações. Foram excluídos de suas terras. Perderam suas casas e famílias. Viram sua floresta ser devastada e, por fim, foram mortos como bichos do mato.

Adeodato Ramos, um dos principais líderes rebeldes, foi considerado pela história oficial um grande bandido. Liderava os que matavam crianças e estupravam as mulheres.

Trata-se pois, da figura que melhor representa o perfil caboclo. Com as pesquisas mais recentes, lê-se a história pela ótica do sertanejo e se desvela que os verdadeiros bandidos eram os forasteiros da terra e que Adeodato e sua gente se defendiam como podiam dos ataques cruéis e mortais.

Este lutou ao lado de Augusto Saraiva, o Castelhana, Aleixo Gonçalves, Antônio Tavares Bonifácio Papudo, Henrique Wolland, o alemãozinho, Josefino, Marcelo Alves e Venuto, o Baiano. Todos defenderam a causa cabocla quando a guerra tomou enormes proporções.

Os interessados no capital

É natural que os interesses do caboclo sertanejo colidam com os interesses do capital. Dentre as principais consequências da chegada das empresas foram:

A transferência do poder de mando nas terras, dos caboclos que tinham direito de fato, aos donos de indústrias, governo e latifundiários, que passaram a ter poder legal das terras.

Em segundo lugar, a construção da ferrovia, que trouxe a destruição da floresta e o exército.

E, enfim, a chegada da imigração e os remanescentes da guerra. Muitos que vieram para a guerra, soldados, jagunços e outros que se juntaram para guerrear, de ambos os lados, e que sobreviveram, acabaram se estabelecendo nas terras.

As grandes corporações internacionais objetivavam, principalmente, a extração da madeira e sua retirada pela ferrovia. Como alude Auras, dá a impressão que “os milhares de caboclos que tinham se rebelado nos sertões contestados eram, nada mais nada menos, que um bando de fanáticos a perturbar, criminosamente, a serenidade da ordem pública (AURAS, 1995, p.15).

Após não ter sido bem sucedido nos meios empresariais de *New York*, o grupo econômico Farquhar⁶, fundador da *Brazil Railway Company*, vem se instalar no Brasil, trazendo a madeireira *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, a Companhia Frigorífica e Pastorial e a colonizadora *Brazil Development and Colonization Company*. A facilitação do governo brasileiro e a amplitude dos interesses do Sindicato *Farquhar* renderam ao grupo, segundo Thomé, mais de

⁶ O norte-americano Percival Farquhar era dono de dezenas de empresas nos Estados Unidos e de outras tantas espalhadas pelo mundo, principalmente na América Latina. Engenheiro, já no final do século XIX chefiava duas importantes empresas que controlavam os serviços de bondes de Nova York. Seu grande sonho era controlar todo o sistema ferroviário da América Latina. Após grandes compras e conquistas, em 1913, devido a aplicações malsucedidas na Bolsa de Valores de Nova York, perdeu tudo e teve de vender as empresas para pagar seus credores. (AFONSO, 1994, p.10)

250.000 km². Nesse território, governo e industrialistas se depararam com o nativo da região.

A *Brazil Railway Company*, responsável por trazer e montar a *Lumber* neste território, trouxe também a melhor tecnologia existente na época para o processo de extração da madeira, com guindastes, ferrovias e serrarias imensas. Conforme Nilson Thomé, a *Lumber* se instalou em Calmon e, posteriormente, em Três Barras, com a maior madeireira que a América Latina já teve até hoje.

Seus investimentos eram na América Latina toda, as madeireiras Mamoré e Sorocabana, ferrovias e portos. Instalaram-se no país com concessão privilegiada. Receberam o direito de extrair o melhor da madeira da região, especialmente araucárias e imbuías. Ganharam a posse das terras ao longo da ferrovia numa extensão de 15 km para cada lado. Construíram uma estrada de ferro tão sinuosa que este perímetro se ampliara vertiginosamente.

Queiroz entende que tal “estrada obtivera do governo federal uma concessão de terras equivalentes a uma superfície de quinze quilômetros para cada lado do eixo, ou igual ao produto da extensão quilométrica da estrada multiplicada por 18” (QUEIROZ, 1966, p.54). Com esta concessão, *Farquhar* passou a ser dono de 34.800 km² das terras brasileiras. Somente em 1917 a *Brazil Railway* e suas subsidiárias entraram em concordata, após explorarem e degradarem ao máximo grande parte do território brasileiro (THOMÉ, 1980).

Na extração de madeira, Eloy Tonon define como uma verdadeira rapinagem em solo contestado. Devastou-se a floresta, habitat do caboclo que não precisava mais do que da erva-mate e alguns produtos da terra, bem como das límpidas fontes de água, para sobreviver.



Apólice que legitima a propriedade das Terras à *Brazil Railway Company*.
Fonte: Acervo da CPDOC

A posse das terras por parte da *Brazil Railway* nutre o conflito, pois “tratou de colocar para fora de seus domínios todas as pessoas que ocupavam terras e não possuíam títulos de propriedade”, afirma Fraga, ainda que contrariasse a chamada Lei das Terras de 1850⁷, que declarava o fim da obtenção de terras por meio de posse e aqueles que já ocupavam algum lote receberam o título de proprietário. O governo do Paraná reconheceu os direitos da empresa, o que não foi de estranhar, pois Affonso

⁷ Lei N. 601, de 18 de setembro de 1850, que dispõe sobre as terras devolutas do Império. Promulgada por D. Pedro II, a fim de organizar a propriedade privada no Brasil. Sellada na Chancellaria do Império em 20 de Setembro de 1850. - Josino do Nascimento Silva. Publicada na Secretaria de Estado dos Negócios do Império em 20 de setembro de 1850. - José de Paiva Magalhães Calvet.

Camargo, vice-presidente do Estado, era advogado da *Brazil Railway* (THOME *apud* FRAGA, 2006, p.68).

A concessão dada a *Lumber* fora de 30 Km para cada lado da ferrovia na época do Brasil Império e condensado para 15 km para cada lado, na época da República. A concessão e a sinuosidade da ferrovia, que asseguraria a ampliação de exploração, marcam o infame interesse sobre a região.

O grupo *Farquhar* resolve expulsar da terra concedida pelo governo os posseiros, que habitavam a região. Tinha pressa em encher os vagões de carga com alimentos produzidos nas terras e com a madeira serrada dos pinheirais, para entregá-la no porto de São Francisco. Para desalojar o posseiro e o pequeno proprietário, a *Lumber* organizou uma força paramilitar, mais ágil que a Justiça brasileira.

Descreve Fraga:

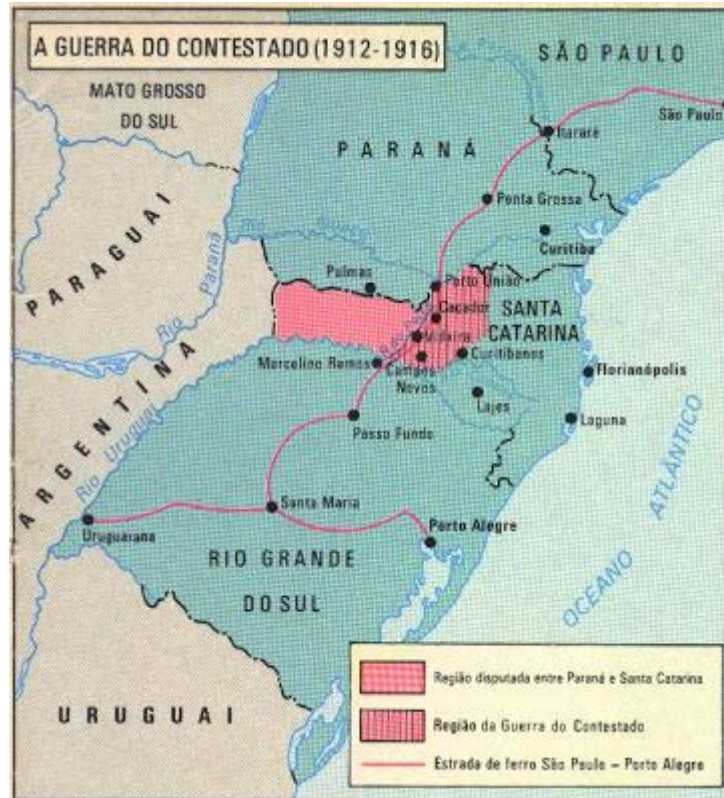
Fortemente armado, o grupo vasculhou os pinheirais da empresa para expulsar e até matar. De ambos os lados pessoas morreram, outros sobreviveram, mas isso era apenas o começo do que ainda estava para surgir. A posse da terra perdida e o pinheiro roubado desesperavam milhares de caboclos que não tinham para onde se dirigir, pessoas sem um lugar para morar e nem de algo para se sustentar. Foram as primeiras faíscas de um incêndio que duraria quatro anos (FRAGA, 2006, p.72).

O Estado, no uso do seu poder⁸, deu legitimidade à perseguição e à morte de todos os que se opusessem. Tratava-se dos interesses privados no interior da estrutura pública. “Governantes firmam acordos com corporações para garantir vantagens individualistas representativas da classe dominante”. (MARTONI *in* FRAGA, 2012, p.152).

A construção da ferrovia é o *punctum dolens* para o início do conflito. Era uma estrada que cortava o interior catarinense e paranaense e tinha por objetivo, conforme Fraga, “a integração entre o Brasil Sul e o Brasil do Centro-Leste... e fixar imigrantes nas terras devolutas dos campos” ao longo da ferrovia (cf. FRAGA, 2006, p.67).

Fraga alude à primeira equipe que escolhe o traçado SP-RS, com instrução do engenheiro João Teixeira Soares.

⁸ Convém elucidar o que Engels propõe: O Estado surgiu da necessidade de conter as oposições de classes, mas ao mesmo tempo surgiu no meio do conflito subsistente entre elas, ele é, em regra, **o Estado da classe mais poderosa**, da classe economicamente dominante, classe que, por intermédio dele, converte-se também em classe politicamente dominante, adquirindo assim, novos meios para a repressão e exploração da classe oprimida (ENGELS, 2002, p.186). Grifo nosso.



Mapa do traçado da ferrovia
Fonte: Geo-Conceição

O catarinense Lauro Müller, ministro da Viação e Obras Públicas, promove a vinda do empreendedor famoso Percival Farquhar.

A estrada obtivera do governo federal uma concessão de terras equivalentes a uma superfície de quinze quilômetros para cada lado do eixo, ou igual ao produto da extensão quilométrica da estrada multiplicada por 18. A área total assim obtida deveria ser escolhida e demarcada, sem levar em conta sesmarias nem posses, dentro de uma zona de trinta quilômetros, ou seja, quinze para cada lado. Não só por isto, mas também pela subversão quilométrica, o traçado se desdobrava em exagerada sinuosidade. Desse modo, a Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande ziguezagueava para todos os pontos cardeais, a furtar-se de pequenas obras de arte. A princípio foram empregados quatro mil trabalhadores; porém, com a marcha dos trabalhos, o seu número atingiu cerca de oito mil. Eram contratados principalmente no Rio e em Pernambuco. (...) Esses antigos trabalhadores, misturando-se à população do Contestado, constituíram o fermento de graves acontecimentos posteriores. (QUEIROZ *apud* FRAGA, 2006, p.68).

Segundo Queiroz, em meados de 1890, D. Pedro II concede a Teixeira Soares o aval de arrecadar recursos para a construção da ferrovia. Após construírem a ferrovia de Paranaguá – Curitiba, por onde chegou o material para a ferrovia do

Contestado, inicia-se, em duas frentes, a obra: por São Paulo e Santa Maria. Em 15 anos, apenas 599 km estavam prontos, dos 1.403 km projetados pela *Compagnie Chemis de Fer Sud Ouest Brésiliens*.

A partir de 1905, a *Brazil Railway Company* assume as obras e tão logo vence a guerra começa a grande exploração da floresta e extração da matéria-prima.



Guindaste à frente de seu tempo.
Usado para a retirada da araucária.
Fonte: Acervo Claro Jansson



Foto 017 – Vista da Serraria Lumber e
Empilhamento de madeira
Fonte: Acervo Claro Jansson

A cobiçada araucária, madeira nativa, ganha comércio internacional após a Primeira Guerra Mundial. O interesse em explorar o interior do Brasil, não só ao sul, leva os empresários a dedicar-se em colonizar com madeireiros a região. "Primeiro exploravam os recursos florestais e, depois, vendidas em lotes aos colonos" (THOMÉ, *apud* FRAGA, 2006).

As principais serrarias foram instaladas em Calmon e Três Barras, esta última mais parecia uma cidade norte-americana. Até a data comemorativa de sua fundação fazia memória ao célebre 4 de julho, dia da independência anglo-americana. Hasteava-se a bandeira dos EUA. Ali a *Lumber* se sentia em casa (FRAGA, 2006, 72).



Trem e a madeira extraída da região
Fonte: Geo-Conceição

Os historiadores remontam que o sucesso teria sido tão grande, que a *Brazil Railway* constrói, por iniciativa própria, a estrada de ferro que une União da Vitória a São Francisco do Sul, para melhor escoar as cargas de madeira pelo porto em Santa Catarina aos países de destino.

O setor ferroviário manteve o crescimento até 1940. Em 1957 funda-se a Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima – RFFSA, de capital estatal, que começou lentamente um processo de declínio. Ainda assim, manteve monopólio ferroviário até 1990. Então, através de um processo de privatização, a dita rede passará à iniciativa privada, para a América Latina Logística – ALL, que mantém até hoje o funcionamento de algumas ferrovias (FRAGA, 2006, p.154).

A Ferrovia do Contestado está em completo abandono. Alguns trechos são utilizados para turismo, com a Maria Fumaça. No entanto, a maior parte está em desuso. Muitos alegam estar fora do padrão atual para uso. Sua existência é apenas símbolo de uma guerra fatídica para contentar o interesse dos ricos e poderosos.

Outro vetor da guerra foi o processo de colonização. Além de permitir acesso pela ferrovia e da concessão privilegiada das terras, há um processo de colonização

com imigrantes. Estes chegaram para o trabalho imediato. Empregados da *Lumber*. tinham que trabalhar retirando a madeira. Mais tarde usariam a terra para a agricultura.

A *Brazil Railway* instala a *Colonization Company*. Agora a missão é também colonizar a região. O primeiro motivo vai ser os que vieram para trabalhar, mas, posteriormente, a chegada dos imigrantes europeus que assumiriam funções agrícolas e uma missão importante, pretendida pelo governo, segundo o governo, que era branquear a população (ASSUMPÇÃO *apud* FRAGA, 2006).

Os que vieram para trabalhar na ferrovia, nas serrarias ou em outros trabalhos, foram se instalando nas margens dos trilhos. Os caboclos, lembra Thomé, foram desprezados nos planos do governo e dos empresários. A empresa estrangeira ganha força e apoio do governo que a protegia, em detrimento das pequenas iniciativas regionais (THOMÉ, 1999, p.54).

O problema vai se agravar quando, ao término das obras, “milhares de trabalhadores são demitidos, o que forma um grande contingente de pessoas desempregadas e expropriadas de suas terras” (FILIPPIN *in* FRAGA, 2012, p.126). “Quatro mil ex-detentos e miseráveis de Santos, Rio de Janeiro e São Paulo, recrutados para as obras foram demitidos e expulsos das cabanas de palha levantadas à beira da estrada” (**O Estado de São Paulo**, 2012).

Os expulsos do Vale do Rio do Peixe pela *Lumber*, os sem trabalho da Estrada de Ferro, bem como os desagregados dos campos de Lages e de Curitiba começaram a formar uma perigosa trindade que vai ferver as águas do rio, consumir pinheirais e reduzir a pó fazendas e fazendeiros (SACHET & SACHET, 1997, p.268).

A última praga a aparecer em cena são os coronéis latifundiários. Tinham interesse nas terras devolutas aparecem em cena. “Em geral eram os homens mais ricos de cada município e monopolizavam o poder político” (QUEIROZ, 1966, p.48)

Queiroz os define como “a classe dos grandes proprietários de terras” que tinham interesse em comprar mais terra depois que o governo legitimasse as madeiras que fariam a extração da floresta e dispusessem as terras à venda. Proibidas de vender aos caboclos, os coronéis apareciam como maiores interessados no negócio.

Havia os fazendeiros que nem sempre tinham suas terras legalizadas, eram apenas posseiros que também tinham interesse nas terras para regulamentá-las. Ao lado destes e com menos influência, aparecia a “incipiente burguesia comercial e manufatureira”, havia também artesãos como padeiros, seleiros, sapateiros, e havia

ainda, naturalmente, caixeiros e trabalhadores braçais”. Todos tiveram o seu papel na guerra do Contestado, defende Queiroz (QUEIROZ, 1996).

A *Lumber*, aliciada ao governo, provoca a ira do Caboclo, que quer defender sua terra, sua gente, suas coisas. O Caboclo rebelde provoca a ira dos latifundiários, industrialistas e do governo. Na visão destes, quem habitava as terras e reagia ao império econômico, era inimigo do “progresso”. Este é o cenário que dá origem a um conflito sem precedentes:

A desapropriação de terras, a expulsão de moradores de seus locais de origem e as mudanças nas relações de trabalho. Outro agravante foi o enorme contingente de desempregados que se fixaram na região após o final de algumas obras. Somam-se a essa conjuntura a instabilidade política nacional e internacional do período, a necessidade de reafirmação do exército brasileiro, o interesse e a atuação dos coronéis locais, entre outros aspectos fundamentais para entendermos a enorme gama de transformações que ocorreram na Primeira República no Brasil” (CPDOC, 2015)

O Governo envia o Exército

Neste imenso palco, onde se enseja uma das maiores tragédias de nossa nação, adentram os militares, com a simples missão de pôr fim à resistência dos caboclos frente à soberania estatal.

O primeiro destacamento terá à sua frente o Coronel João Gualberto, assassinado no reduto de Irani. Após serem derrotados em Taquaruçu também, o governo de Santa Catarina busca ajuda no Exército Brasileiro. Relatórios das Forças legais publicaram a participação do General Fernando Setembrino de Carvalho⁹, do General José Vieira da Rosa¹⁰, de Demerval Peixoto, que combateu entre setembro de 1914 até fim de 1915. É dele o exposto:

(...), a região contestada esteve sempre e se eternizará entregue ao despotismo dos chefetes locais, ao desvario de uma sorte inumerável de crimes mal apurados e ao desmando de caudilhos temíveis, homiziados, fora da alçada da justiça das cidades; e tais têm sido os propulsores morais das causas que levaram à rebeldia, como recurso de defesa, os sertanejos ignorantes e espoliados pelos prepotentes (PEIXOTO, 1995 – Primeira Edição de 1920)

⁹ Consta no Relatório apresentado ao General de Divisão, José Caetano de Faria, Ministro de Guerra pelo General de Brigada Fernando Setembrino de Carvalho, comandantes das Forças em Operações de Guerra no Contestado. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1915.

¹⁰ Consta de depoimento datilografado, s.d., assinado pelo General Vieira da Rosa, sobre a Campanha do Contestado. Pasta pessoal do General no Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Há um lamento nas palavras de Peixoto, que reporta ao criminoso interesse dos “fazendeiros latifundiários”, contra aquele bando de jagunços rebeldes, cuja defesa é o facão de pau empunhado e a coragem até pender por tiro ou furo de espada.



Soldados em curso de batalha avançam pela ferrovia até local de combate.
Fonte: Geo-Conceição

José Murilo Carvalho constata que para combater o “Exército Encantado de São João Maria” recrutaram nordestinos que fugiam da seca, desocupados das cidades que procuravam serviço militar como emprego, criminosos mandados pela polícia e inaptos para o trabalho. Eram negros, mulatos e poucos brancos ou quase brancos (CARVALHO, 1990, p.189).

A milícia assume o indolente papel de matar, de resolver, de eliminar o “bando de sicários” que ameaça o progresso e desafia o interesse da nação. Em represália, os contra-ataques dos caboclos fanáticos resistentes que queimam serrarias, destroem as ferrovias e matam o exército do governo.



Trem descarrilhado após os caboclos destruírem trecho da ferrovia.

Fonte: Geo-Conceição

Claudio Moreira Bento¹¹ aporta o tema segundo perspectiva militar e destaca a forma como o Exército se empenhou em consolidar a ordem. Refuta as tentativas de culpar aqueles que tinham apenas o dever de honrar a Pátria e “restaurar a paz garantia da tranquilidade da família brasileira” (BENTO, 2012, p.23).

A ordem fora dada pelo então Ministro da Guerra, General Vespasiano Gonçalves de Albuquerque, para o deslocamento de um contingente, sob comando do Tenente Coronel Álvaro Pereira Franco. Sua missão: “proteger esta região dos revoltosos” e “cooperar com a Polícia na redução e dispersão do foco de revolta, na área do Contestado”. A primeira Expedição para Palmas contava com 1.000 soldados, segundo Bento.

A campanha chega ao fim após a “pacificação” de Santa Maria. O Reduto estava cercado. “A companhia marchou contra os revoltosos”. O General Setembrino, em fins de dezembro de 2014, faz a seguinte circular pedindo a rendição dos revoltosos:

Desde o dia 11 de dezembro que lutamos e os nossos soldados cada vez mais se sentem encorajados para a luta e a vitória final que não

¹¹ Reflexões de Coronel Claudio Moreira Bento, historiador militar e jornalista, por ocasião do Centenário da Guerra do Contestado, sob o ponto de vista militar, ressaltando a experiência do Exército, na sua composição e abordagem.

tarda. Mas é preciso parar; é forçoso que se termine esta luta; que o sangue brasileiro não continue a manchar nossas terras, onde a natureza acumulou recursos inesgotáveis, para a grandeza de nossa pátria. Não venho trazer-vos a morte ou o presídio pela vitória de nossas tropas, mas a concitar-vos a depor as armas e a que aceíteis as garantias que vos ofereço em nome do governo e da lei. Impõe-se, portanto, que volteis ao trabalho, meio único capaz de garantir a felicidade da nossa grande pátria, que na quadra atual tanto precisa do patriotismo dedicado de seus filhos (SETEMBRINO *apud* BENTO, 2013 p.70).

A partir de então, o que se seguem são sucessivas investidas do Exército dizimando os sertanejos. Alguns lugares são citados por Bento: Santo Antônio, que mais tarde levaria o nome de um dos militares, Lebon Régis, Gramado, Timbozinho, Pinheiros e Colônia Vieira.

A Serra de Santa Maria, região de Timbó Grande, era onde se concentrava a maior quantidade de caboclos escondidos. Divididos em colunas defendidas por quatro militares puseram fim à luta. Ao norte, sob a guarda do Capitão Potiguar, ao leste, o Coronel Júlio Cezar, ao oeste, Chefe Geral Antônio Tavares e ao Sul, o próprio General Setembrino.

Assim descreve Bento, o desfecho da famigerada batalha:

Desprovidos de recursos, vitimados pela fome e pela doença, isolados das fontes de suprimentos pelo cerco os revoltosos não poderiam reiniciar a luta e foi dissolvida a Expedição que honrosa e vitoriosamente o General Setembrino comandara. O General Setembrino de Carvalho se consagrou como o Pacificador do século 20, pois pacificara o Contestado em 1915 (BENTO, 2012, p.19).

Tal feito rendeu ao General Setembrino honrarias, homenagens e é consagrado pela égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, da qual é patrono e inspirador, complementa Bento.

Os jagunços

Jagunço, vaqueiro ou capanga, “era o ‘camarada servil’ que vivia às custas do amo, como guarda-costas a serviço da violência” (LEMOS, 1983, p.124).

Foram contratados para dar cabo da missão de eliminar o caboclo sertanejo rebelde. Estes também conheciam bem os matos e as campinas e possuíam uma destreza que os soldados não tinham. Atuaram com tanta violência que ficou uma

marca impressa daqueles atos. Não é difícil encontrar quem associe a Guerra ao “tempo dos jagunços”.

Os jagunços foram os que chegaram por último, trazidos por motivações pessoais, por parte dos fazendeiros e políticas, que procuravam tornar o efetivo das tropas mais competente.

Souza Barros se reporta ao jagunço definindo-o como

elemento ligado aos donos da terra, que servia e serve sob seu mando. Tinha e tem ainda hoje uma vida de armas, sem obrigação com os trabalhos comuns nas propriedades. Havia casos mistos de jagunços com suas roças, suas ocupações com gado, mas sempre predispostos a dar uma mãozinha nas rixas patronais. O hábito do uso de armas e prática de crimes de morte não eram censuráveis. Admirava-se a valentia, a disposição para a luta, e tinha-se mesmo respeito ao executor de muitas mortes. Não se permitiam porém, os crimes contra a propriedade (BARROS, 1986, p.58).

Nos relatos históricos encontram-se Colleti e Pedro Ruivo entre os mais conhecidos (cf. LAZARIN, 2005, p.53).

No texto de Fraga podemos reconhecer como os jagunços foram aparecendo:

Simultânea e coincidentemente, o Contestado reuniu, no mesmo tempo e no mesmo espaço geográfico, mais de 30 mil pessoas – habitantes da região na época – desde fazendeiros, em defesa de suas propriedades, posseiros, tentando se manter em terras devolutas, os fanatizados por promessas messiânicas, e oportunistas, que viam no movimento ocasião para exercerem pressões políticas acerca dos limites disputados entre Santa Catarina e o Paraná (FRAGA, 2006, p.237).

Com menos escrúpulo do que o próprio exército, se é que era possível, para dar fim aos caboclos mais entranhados nas grotas e protegidos pelas matas.

Não fora difícil a tarefa dada a estes devido a sua competência em vigiar, perseguir e matar. Era sua função no cuidado das fazendas. Pior quando lhes fora dito que a caçada era aos caboclos, rebeldes, “sem alma” e acometidos por “loucura supersticiosa”.

Segundo Queiroz,

o caso de Pedro Ruivo é emblemático, ele foi acusado de ter perseguido aqueles que se renderam às forças legais e se apresentaram nas cidades, na maioria grupos de mulheres, crianças e velhos, todos maltrapilhos, famélicos e doentes. Conta-se que seu bando estuprava as mulheres, matava seus maridos e degolava quem encontrava pelo caminho, ou quem tinha a má sorte de ficar sob sua guarda. Tempos mais tarde, em Canoinhas, foi aberto processo para apurar os crimes cometidos contra a população civil. Pedro Ruivo e

alguns de seus companheiros foram acusados de roubo de gado, além das denúncias de alguns depoentes que sobreviveram aos ataques do grupo. Apesar de todas as acusações eles foram absolvidos (QUEIROZ *apud* LAZARIN, 2005, p.54).

Demerval Peixoto sustenta que foram contratados e armados. Identificados como vaqueanos ou, segundo o autor, “era o jagunço manso atirando, habilidosamente, contra o jagunço transviado” (PEIXOTO, 1995, p.30).

Nunca passaram, em regra, de piquetes de civis armados e municados, compondo mesnadas que agiam nas vanguardas como elementos de combates e a título de esclarecedores, sustentando tiroteios renhidos, sem ordem, sem disciplina de fogo, sem regras e às vezes transmitindo desânimo aos soldados, quando não lhes debicavam, e outras vezes, operando isoladamente, promovendo os saques e as pilhagens pelos campos e nas vivendas em abandono. (PEIXOTO, 1995, p.54)

Nesta espécie de diário, Demétrio Peixoto vai relatando todos os acontecimentos. Aquilo que provavelmente fora atribuído aos caboclos, principalmente ao Adeodato, era resultado da ação deste grupo: assaltar, roubar, estuprar as mulheres, roubar gado, degolar os prisioneiros, etc. Adeotado Ramos termina preso acusado de todos estes crimes, enquanto o Pedro Ruivo, o mais provável facínora, foi absolvido e foi ter uma vida de homem rico na vila da Lapa, no Paraná. (cf. LAZARIN, 2005, p.105).

Os freis franciscanos

Havia pouca presença da Igreja Católica na região até o momento em que esta percebeu o crescimento do devocionismo popular. Preocupada com a ação dos fanáticos envia, imediatamente, o Frei Rogério Neuhaus para o reduto a fim de identificar suas práticas religiosas.

Há alguns escritos da época publicados pela editora Vozes, na **Revista Ordem dos Franciscanos** e o livro do Frei Aurélio Stulzer, alguns manuscritos de Frei Menandro Kamps e do próprio Frei Rogério. Ocorrem muitas contradições. Ora o sertanejo é vítima do fanatismo, conforme o relato do Frei, “e aí começou uma peregrinação dos caboclos sem cabeça ao médico milagroso, libertador da humanidade” (NEUHAUS, 1915, p.72). Um povo ignorante e facilmente levado ao

fanatismo e ingênuo, segundo o que diz para correspondência enviada para “Vozes de Petrópolis”. Logo esta complacência vai acabando quando o frei vai conhecendo os líderes daqueles movimentos, aos quais chama “um tal de Eusébio Ferreira dos Santos” e “um tal de Manoel, o enviado por Deus” ao qual descerra todo tipo de insulto: “o idiota”, “um perfeito imbecil, de algum modo mentecapto ou possesso” (NEUHAUS, 1915, p.72). Conclui dizendo que “somente à espada e à bala pode ser suffocado o movimento, (...)” (SPANNAGEL, 1915, p.47).

Assim era a visão dos freis sobre as batalhas:

Quando os soldados atearam fogo na capela de São Sebastião do Timbozinho onde se refugiaram mulheres e crianças morrendo todos queimados, embora tenham cometido esta cruel façanha, fizeram isso no ódio da luta. (KAMPS *apud* LAZARIN, 2005, p.53).

Os soldados cumpriam seu dever cívico de defender a República e a nação e, portanto, suas ações podem ser justificadas e amenizadas. Isso não quer dizer que os freis não tentaram interceder por estas pessoas vítimas dos ataques e degolas, as tentativas de Frei Rogério em salvar vidas eram impedidas pelas maquinações do médico militar Rabello Pinto, que cheio de ódio à religião lhe tolhia os passos (STULZER, 1982, p.128).

Evidenciam-se algumas contradições nos relatos do Frei Rogério. De quando em vez defende a ação incisiva do Estado sobre fanáticos iludidos. Mais tarde, observando as atrocidades dos aguerridos vaqueanos jagunços, denuncia os ataques impiedosos contra os pobres e desvalidos do meio do mato. É possível encontrar nos escritos franciscanos, expressões em que Frei Rogério, às vezes tratado com hostilidade pelos sertanejos como, por exemplo, quando invadiram uma missa em Campo Belo, próximo à Lages e levaram os cavalos do rei, o frei se reporta aos “meus irmãos em Cristo” (SPANNAGEL, 1915, pp.42-47).

Os imigrantes

Outro interesse do Sindicato Farquhar, além de instalar as companhias madeireiras, era vender as terras para os imigrantes através de um sistema de colonização. Isso aconteceu ao longo do vale do Rio do Peixe e do vale do Itajaí.

As empresas de colonização venderam terras de posse cabocla e a maioria dos imigrantes, indiferentes a tudo o que estava acontecendo, viam na ocasião uma oportunidade de se instalar e produzir nas terras férteis do Brasil.

A colonização do interior incentivada pela elite política do Estado acentuou a definição de identidades étnicas num processo onde os antigos posseiros foram progressivamente empurrados tanto para locais mais distantes e isolados quanto para determinados lugares sociais. Estes lugares, com frequência, inferiores na hierarquia das novas relações capitalistas que passam a predominar nas áreas colonizadas. Estes posseiros são nomeados pelos colonos de origem (assim se auto identificam os europeus ou seus descendentes) de caboclos e esta palavra além de indicar a divisão do trabalho, marca todo um modo de vida tradicional estigmatizado por falta de higiene, promiscuidade, casamentos e separações frequentes, o mau uso do dinheiro etc. Os membros deste grupo, por sua vez, acabam por construir sua identidade étnica em oposição aos gringos e se auto identificam como brasileiros por considerarem uma forma respeitável de ser tratado. Com o passar do tempo, alguns membros de origem acabam se voltando para os ofícios considerados de caboclo ou não prosperam como deveriam. Quando isso acontece, eles também acabam excluídos do grupo por terem se acaboclado (LAZARIN, 2005, p.10).

Após o término da Guerra, a *Southern Brazil Lumber Colonization*, aliada ao governo, aparece com uma estratégia de branqueamento da população. Os imigrantes oriundos da Europa, em sua maioria, fixariam suas moradas nas terras da *Lumber*, terras apropriadas para a agricultura, uma vez que a floresta já tinha sido extinta.

A indústria contava com 400 empregados permanentes imigrantes europeus em sua maioria. Muitos caboclos também chegaram a somar, talvez dobrar, a quantidade do efetivo no serviço com a madeira (BERNARDET, 1979). Agora o caboclo havia sido expulso de suas terras, via outros invadindo seu espaço e sua floresta ser tombada e, por fim, ser submetido a cortar árvores, seria contradizer todas as suas convicções.

O caboclo conservava a mata para sua própria sobrevivência, como destaca Valverde:

No caso dos ervais, por exemplo, a poda trienal das plantas, não as extingue. Eliminá-las seria um prejuízo sério para o seu proprietário. Então, este, quer seja um grande ervateiro, quer seja um colono, cuida bem do seu erval: elimina as árvores concorrentes ao redor de cada pé de erva-mate, faz caiações no seu tronco, planta grama para evitar a invasão de ervas daninhas. A exploração do mate adota portanto, espontaneamente, no seu próprio interesse, uma atitude conservacionista em relação à erva e também ao solo (VALVERDE *apud* FRAGA, 2006, p.185).

Steca e Flores relatam que muitas famílias observavam as terras que usavam “serem vendidas e distribuídas em lotes com preços baixos para imigrantes europeus,

na maioria vindos do Rio Grande do Sul, fato que gerou a repulsa violenta dos rebelados contra imigrantes e seus descendentes (STECA e FLORES, 2002, p.71).

3.2. Redutos

Irani, o primeiro combate

O primeiro enfrentamento do Contestado será entre uma expedição de 8.000 soldados do exército brasileiro, reforçado pela polícia paranaense, chefiada pelo pernambucano Coronel João Gualberto, que tinha interesses no governo paranaense e o exército encantado de São João Maria, liderado pelo monge José Maria e pela proteção de São Sebastião.

Ao chegarem, Gualberto encaminha ao monge e seu reduto um termo de rendição, escrita a lápis, que fora ignorada pelo destinatário.

Na manhã de 22 de outubro de 1912, em Irani, os caboclos sitiaram a expedição do Coronel e, à base de porretes e facões, massacraram os oficiais. Mas o relato é de que José Maria teria sido um dos primeiros a morrer e o coronel teria sido picado a facão.

Descreve Bento: “Morto o comandante, o remanescente da Expedição retirou-se, desordenadamente para Palmas, deixando, no campo, a metralhadora Maxim e cerca de 40 armas e mais de 3 mil cartuchos. Foi primeiro espólio a enriquecer o arsenal dos revoltosos” (BENTO, 2013, p.28).

Segundo Schmidt, os caboclos, em número bem maior, venceram. Morreram o capitão e o monge. Este foi o estopim da Guerra do Contestado, porém, foram necessárias 13 expedições militares para derrotar os caboclos.

Para o governo, a revolta estava contida. O velório de João Gualberto parecia o anúncio da perda de um herói pela vitória sobre os rebeldes.

Taquaruçu

Mas não foi exatamente isso.

Após a batalha de Irani, o povo caboclo começou a reagrupar, ao final do ano 1913, numa região chamada Bom Jesus do Taquaruçu. “Um grupo de sertanejos,

tendo à frente Manoel Alves de Assumpção Rocha, Eusébio Ferreira dos Santos e sua esposa Querubina, voltaram a se reunir na região de Taquaruçu” (LAZARIN, 2005, p.19).

Transcorrido um ano entre a morte do monge José Maria de Jesus, o povo crê num “reencantamento”. Espera que o santo ressuscite de sua cova rasa para lutar. Há um universo mítico, suposições de aparições do monge para a menina Teodora, de 11 anos, para à qual repassava as instruções e promessas. É daí que surge e se insurge o “Exército Encantado de João Maria, sob o padroado de São Sebastião”.



Cavalgada de São Sebastião, com a imagem centenária do santo da capela São Sebastião do Sul, cenário da guerra. Julho/2015. Acervo digital

Douglas Monteiro afirma que os sertanejos do Contestado acreditavam que S. Sebastião fosse um guerreiro que viria auxiliar seus fiéis no combate desencadeado

contra o mal que avassalava o mundo; é aquilo que se convencionou chamar de *sebastianismo* nos movimentos messiânicos brasileiros. Ao messianismo deve-se acrescentar o milenarismo (cf. MONTEIRO, 1977, p.75), "[...] dos três movimentos que vêm sendo estudados (Canudos, Juazeiro e Contestado), a Guerra do Contestado foi o único que tomou, inequivocamente, um caráter milenarista"(MONTEIRO, 1977, p.75), completa.

Nos termos de Vinha de Queiroz, “os sertanejos, de ‘massa desprotegida e miserável’, se transformam em valentes e inventivos ‘guerrilheiros’. Sendo que um dos objetivos de suas indagações é justamente tentar compreender como ‘um acampamento religioso transformou-se em ninho de guerrilheiros [...]’” (QUEIROZ *apud* LAZARIN, 2005, p.79).

Adentra em cena uma nova personagem, Euzébio Ferreira dos Santos, que conduzirá o grupo fanático para alguns, ou exército Encantado de São João Maria, sob as orientações do outro monge, o José Maria, que repassava as orientações por intermédio de uma menina. Recorda Bento que esta formação não ficaria por muito tempo (BENTO, 2012). Para o historiador militar, todo tipo de gente se agrupou em Taquaruçu, entre eles, fugitivos da polícia, desempregados e abandonados depois das obras da ferrovia, pessoas perseguidas pelos coronéis das fazendas e principalmente os expulsos da terra. Estava formada a Cidade Santa do Taquaruçu.

O distintivo do movimento era uma bandeira branca com uma cruz ao centro que remetia às procissões do Divino, do devocionismo popular, acompanhados da imagem de São Sebastião.

Assim define Bento: “Gente válida, alguns em busca de uma melhor vida, outros, atrás de aventuras e lucro fácil e gente enferma procurando cura. Moravam em ranchos de palha e casebres de madeira, improvisada. (...) Eram peões e lavradores, aventureiros e facínoras” (BENTO, 2013, p.31).

Destaca Lazarin, que o pequeno agrupamento logo se torna um assustador campo de batalha, que ficou conhecido por “cidade santa do Taquaruçu”.

O General Alberto de Abreu recebe de Vidal Ramos, governador de Santa Catarina, no dia 7 de dezembro de 1913, telegrama que o informa sobre as situações no Taquaruçu e o faz avançar contra os revoltosos.

Lazarin relata que “os destacamentos formados por policiais locais, peões dos coronéis aliados de Albuquerque e por policiais enviados pelo Governador do Estado

não obtiveram êxito frente aos sertanejos armados com espadas de pau e suas táticas de luta na mata” (LARARIN, 2005, p.20).

O deslocamento por “ínvios sertões, brenhas incultas, pontilhadas de grotões enormes. Terreno muito difícil”, conforme Bento. Prevendo o insucesso da infantaria, muitos soldados e até jagunços que acompanhavam, abandonaram a expedição.

Bento descreve que em 29 de dezembro de 1913, o Capitão Alberto de Menezes, ignorando o malogro da primeira expedição em Taquaruçu, se lança contra os revoltosos e recebe “violento fogo, vindo de todas as direções”. Uma emboscada que obriga os soldados a se refugiarem em Curitibanos.

Estas vitórias iniciais dos integrantes da Cidade-Santa aumentaram a confiança que estes tinham no poder protetor do monge, “elevando o ânimo e atraindo mais e mais pessoas e famílias inteiras para o local que passou a ser denominado por quem estava fora de o reduto dos fanáticos seguidores do monge José Maria” (LAZARIN, 2005, p.21).

Reforça Bento: “Mais um mal resultado de outra Expedição do Contestado e com o fortalecimento moral e material dos revoltosos pela segunda vitória contra as forças legais” e pela segunda conquista de armas e munições, os despojos da luta que reforça o arsenal dos caboclos (BENTO, 2012).

A primeira tentativa foi, segundo o historiador Pedro Pinheiro, uma festa para os caboclos, em torno do curandeiro que se manifestava através da Teodora. O monge os prepara para a luta que há de vir.

É um trabalho de aglutinação. De criar sua utopia, conforme a historiadora Marli Auras. Criar a irmandade cabocla. Na frase cabocla: “quem tem mói, quem não tem, mói também e no fim todos ficam iguais”, caracterizava o movimento. Era para que todos levassem o que tinham para os redutos. Num grande compartilhamento e não faltava nada a ninguém. As cidades santas, isto é, redutos de caboclos, se multiplicaram por toda a região serrana e pelo Planalto Catarinense, foram se formando ao longo de 1913 e 1914. Elas tinham o mesmo ideal: todos viveriam como iguais e trabalhariam pela sobrevivência e defesa da comunidade. Era o regime da Consciência, da Justiça e do Bem-Estar, alude Pedro Pinheiro.

Numa segunda tentativa contra o reduto, o Governo prepara uma nova expedição, sob o comando do tenente coronel Aleluia Pires. Para Bento, um total de 750 efetivos na Força Expedicionária rumo a Taquaruçu. Foi em 8 de fevereiro de 1914 o primeiro contato com os “revoltosos”, depois a batalha, como relata Bento:

Houve sucessivos choques entre a vanguarda da tropa do governo com os revoltosos, sendo, estes, recalcados de tal forma, que foi possível instalar as metralhadoras e a seção de Artilharia, há 600 metros do reduto. Enquanto essas armas atiravam incessantemente, a Infantaria progredia no terreno, procurando impedir ataques dos revoltosos e aproximando-se do **Quadro Santo**¹² (BENTO, 2012).

Havia trincheira para uma luta corpo-a-corpo. Os caboclos não esperavam bombas e armas que combatiam à distância. Neste dia 8 de fevereiro o reduto foi violentamente atacado. Morreram principalmente mulheres e crianças, pois muitos dos homens trabalhavam na construção de outro Campo Santo, Caraguatá.

O massacre foi implacável. Um morticínio de muito impacto para os sertanejos, na palavra do pesquisador Rogério Rosa Rodrigues. Destruíram todas as vilas. Queimaram as casas e expuseram os corpos. No Relato de uma sobrevivente, D. Sebastiana Alves da Silva¹³

Mataram uma tia minha, que era casada com um tio meu, irmão da minha mãe. Ela tava prá ganhar gêmeos, de família. Eles mataram a coitada. Abriram a barriga dela e mataram os anjinhos. “Ponharam” na cerca de rachão que nem prancha de porco (“Meninos do Contestado”, 2012)

Esta investida foi fatal contra o reduto. A resistência foi insuficiente. “Bravura inútil”, revela Bento. “Dezenas de mortos e a quase totalidade dos casebres incendiados”(BENTO, 2012). O Exército Encantado se refugia para o campo santo, Caraguatá. Ao mesmo tempo que um combate devastara boa parte da família, irmandade cabocla, também crescia a fé do caboclo e o número de pessoas que aderiam voluntariamente ao movimento.

Caraguatá

O reduto de Caraguatá concentrará grande contingente. Era necessário abater 30 reses por dia para o sustento da população. Após serem derrotados em Taquaruçu, instiga-se o ódio e o misticismo se aflora com as mensagens do monge.

¹² “Quadro santo” era uma praça retangular onde se situava uma igreja. Em cada um dos quatro ângulos, um grande cruzeiro assinalava os pontos significativos de seu perímetro, demarcando um recinto cuja diferenciação com respeito ao que estava fora era, periodicamente, reforçada por circuitos processionais (MONTEIRO, 1974, p.128).

¹³ In Documentário: “Contestado: Uma Guerra Esquecida – Caminhos da Reportagem”. 2014. Com o intuito de investigar os motivos da guerra e auscultar o porquê de ter ficado esquecida por muito tempo.

O tenente coronel Aleluia será substituído por Freire Gameiro. Em 8 de maio de 1914 adentram Perdizinhas e por onde passam vão deixando rastros de sangue e mortandade. Do ponto de vista do militar historiador Bento, o exército rumou contra os “rebeldes e revoltosos”. Novamente o terreno, a precariedade das instalações e a dificuldade em instalar armas e artilharia, “a tropa viu-se obrigada a retirar-se para Perdizes, com regular número de baixas. E rumou para Calmon, onde chegou em 11 de março de 1914” (BENTO, 2012).

Vicente Telles, por outro lado, afere à organização do reduto. Para o historiador “as forças legais são surpreendidas e derrotadas. O povo combatente passa a se agrupar em grande número e o governo brasileiro envia um veterano da Guerra de Canudos, o General Mesquita” (“A Guerra do Contestado”, 2012).

Naquela que era considerada a Cidade Santa, o povo vive um de seus momentos de glória. Os sertanejos já haviam se preparado com armas e estratégias de guerra.

Houve dois pequenos conflitos nas Terras de Santo Antônio e Perdizinhas.

Segundo Telles, Chico Alonso, um dos líderes dos rebeldes, teria chefiado o ataque a *Lumber Corporation* e ateado fogo às madeiras de Calmon e Três Barras, como represália aos golpes sofridos em Taquaruçu e Caraguatá.

A grande serraria da Companhia *Lumber* ardeu totalmente. Os grandes empilhamentos de pinho já beneficiado, abrangendo uma área enorme, em poucas horas de transformaram em cinzeiros. Os galpões dos machinismos, no dia imediato, eram esteios carbonizados em meio da vasta praça onde as engrenagens, contorcidas pelo calor do fogaréu, se destacam como esqueletos de engenhos (PEIXOTO, 1995, p.232).

O General Carlo Frederico de Mesquita, veterano da Guerra do Paraguai e da Campanha de Canudos em 1897, é o novo comandante das tropas armadas contra os redutos de resistência cabocla. Mesquita retoma o movimento em 16 de maio de 1914. Bento registra a presença dos vaqueanos, ou jagunços, cerca de 60 deles, que marchavam à frente, contratados como guias, por conhecerem as matas e os hábitos sertanejos.

Investiram contra Caraguatá. Descreve Bento: “Durante quase todo o trajeto, os soldados, fustigados por atiradores escondidos no meio da mata”, eram mais uma vez derrotados pelo camuflado Exército Encantado. “De nada adiantava varrer os

arredores com tiros de canhão ou tirotear a esmo, descargas de fuzis ou rajadas de metralhadoras contra a folhagem", completa o militar (BENTO, 2013, p.35).

Dona Sebastiana Alves da Silva, filha de caboclos que lutaram e sobrevivente da guerra, guarda na memória as marcas do assassinio.

Tenho lembrança daquelas minhas pessoas que eram o meu sangue, que eles matavam, 'faziam e aconteciam' (...). Era tiro, da gente ficar 'inté' surdo. Aqueles 'fuzir' que davam cada tiro que 'varavam' de um lado para o outro" (Depoimento de D. Sebastiana em "Meninos do Contestado, 2012).

Para Bento, aconteceram "incidentes do combate, não se sabendo de onde, uma chuva de balas" surpreende os soldados. Sertanejos "emboscados nos topos de árvores, ocultos nas macegas ou troncos das imbuías, atacaram. Sem recursos para a perseguição contra um adversário matreiro, em terreno hostil e desconhecido, o comandante decidiu retirar-se e dissolver a Expedição" (BENTO, 2013, p.35).

O General Mesquita bateu em retirada para evitar mais um massacre da tropa. Os Exército Encantado só fazia aumentar. Os conflitos eram cada vez maiores. A força e a resistência defendiam, como podiam as propriedades rurais e as suas famílias.

No campo de Santo Antônio, com uma guarda de 200 soldados, surgirá em cena o lendário major Matos Costa, que vem para substituir o General Mesquita.

Matos Costa se veste como sertanejo para ter acesso aos redutos e tentar uma negociação de paz e conciliação. Teria, conforme as fontes históricas, até conversado com os líderes caboclos, entre eles, Elias de Moraes. Mas foi mal entendido por alguns rebeldes e morto por golpes de lança, por Benvenuto Baiano, desertor da Revolta da Armada. Esta emboscada, conforme Bento, vai acontecer em setembro de 2014. "Lutou bravamente, mas acabou sendo trucidado"(BENTO, 2013, p.35).

A morte de Matos Costa gera uma comoção e é usada contra os sertanejos. O militar, com boas intenções, é assassinado pelos rebeldes. A imprensa compara a Canudos e faz uma campanha nacional que pressionava para uma grande expedição militar que viesse resolver, ou seja exterminar, os revoltosos, conforme o que acontecera em Canudos.

Era mais uma guerra itinerante. Após derrotar os oficiais, o acampamento de Caraguatá se desfaz. Os caboclos formarão o reduto de Tamanduá e muitos outros, onde permanecerão pouco tempo e depois se estabelecerão no forte reduto de Santa Maria, em Timbó Grande.

Serra de Santa Maria

Dar fim à Guerra do Contestado como fora Canudos vai ser o objetivo do próximo militar destinado a chefiar a expedição.

Após o episódio desastroso do Caraguatá, o governo lança mão de um grande chefe militar, General Setembrino de Carvalho, que com uma enorme tropa, dará início a maior, mais violenta, dramática, sangrenta e derradeira batalha contra os caboclos fanáticos rebeldes.

Marca o início do comando do general, 12 de setembro de 1914. Traça um plano de isolamento da região por todos os lados e, assim, derrotar os sertanejos. Para cada lado um coronel com sua cavalaria e soldados fortemente armados, entre eles, um conhecido por Potiguara ou Potiguar acaba entrando nos redutos de Santa Maria, incendiando um após outro e exterminando a cada um deles.

Pode-se dizer que foi uma caçada. Poucos sobreviveram. Usa-se um poder bélico de primeira linha, com quatro aviões, que permitiriam jogar granadas do alto, com as mãos.

Mas o uso da força aérea, pela primeira vez utilizada numa guerra no Brasil, foi um desastre. Em 19 de setembro embarcam os aviões, através da linha férrea até a estação de União da Vitória.

A história relata que, “durante o caminho, fagulhas lançadas pela locomotiva, atingem um galão de gasolina armazenado em um dos vagões que transportavam as aeronaves desmontadas. O fogo se alastrou rapidamente, destruindo várias partes dos aviões. Depois do acidente, apenas um permaneceu em condições de vôo” (**Correio do Norte**, 2012, p.10).

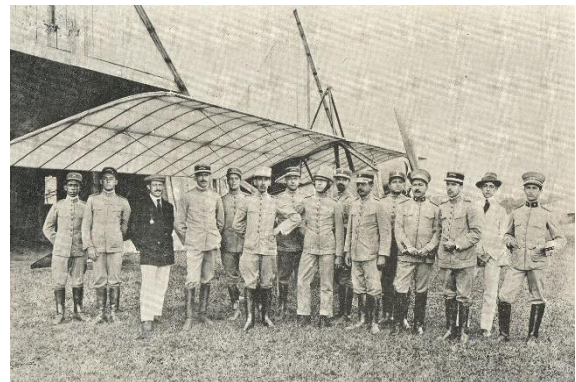


Foto do que restou dos aviões e da expedição em ordem de batalha.

Fonte: **Correio do Norte**, 2012

Mesmo com a frota reduzida, o tenente Kirk, considerado patrono da aviação do Exército Brasileiro, resolve voar. Seu propósito é interrompido porque falece na véspera do dia em que foi realizado o ataque decisivo contra o reduto de Santa Maria.

Maurício Bento alude à execução do plano de Setembrino para dar cabo dos rebeldes, com um efetivo de 7.000 homens e recursos de toda espécie. Sua tese, segundo Derengoski, é que mataria os caboclos, embrenhados na mata, de fome, cansaço e exaustão.

Do outro lado, registra-se 20.000, espalhados pelos redutos de Tamanduá, Santa Maria, Colônia Vieira, Salseiro. A revolta dos caboclos é cada vez mais intensa. Incendeiam as instalações da *Lumber* em Calmon e Três Barras, destroem os trilhos do trem e se armam como podem.

Surge uma figura emblemática na Guerra, o conhecido “Flagelo de Deus”, Adeodato. Intitulava-se, “o Santo”. Um caboclo alto, forte e experiente. Resolve colocar todos os sertanejos num lugar só. Derengoski lembra que este foi o Vale de Santa Maria. Um lugar quase impenetrável. Paredões, floresta e vale tentavam proteger o caboclo do inevitável, iminente e fatal ataque do Exército.



Adeodato, ladeado pelo tenente Cabreira (Francisco Ferreira à esquerda) e por um cabo do Regimento de Segurança.

Fonte: **Jornal Florianopolitano**, 12 de agosto de 1916.

Em setembro de 1914, Setembrino emite um manifesto aos habitantes do Contestado que pretendiam as terras ao longo da ferrovia:

“Fazendo um apelo aos habitantes da zona conflagrada, que se acham em companhia dos fanáticos, eu os convido a que se retirem, mesmo armados, para os pontos onde houver forças, a cujos comandantes devem apresentar-se. Aí, lhes são garantidos meios de subsistência, até que o governo do Estado do Paraná lhes dê terras das quais se passarão títulos de propriedades”. Quartel General das Forças de Operações, 26 de setembro de 1914 (CARVALHO, 1915, p.47).

O cerco ia se fechando. Setembrino chama de Santa Maria, Rio Grande do Sul, o esquadrão da cavalaria gaúcha, experientes de outras campanhas militares, como a Revolução Federalista, de 1893. Vem de lá Tertuliano Potiguar com milhares de cavalos e cavaleiros. Com ordem de matar e queimar o que e quem encontrasse pela frente que estivesse associado aos rebeldes.



Chegada da cavalaria com Potiguar em Porto União/SC
Fonte: Prefeitura de Caçador

A tropa que fora estrategicamente distribuída em quatro linhas, norte, sul, leste e oeste, “nas linhas de cerco, repetidas vezes realizavam ações de patrulhamento, eliminavam pequenos redutos e dispersavam grupos que fugiam precipitadamente para a mata” (BENTO, 2012). Estas linhas cercaram todo o território, não permitindo que ninguém chegasse ou fugisse.

O militar historiador Bento faz o relatório da sucessão dos fatos. A Colônia Vieira e o Salseiro, pequenos redutos, foram atacados em 26 de outubro de 1914. Quem comandava os soldados era o tenente Armínio Moura. Assim agiram Júlio César, na **linha leste**. Antônio Tavares, representante dos sertanejos, escapou na companhia de sobreviventes para outro reduto.

A **linha sul**, sob supervisão do bacharel e coronel Raul Estilague Leal, o exército caminha com 2000 soldados, contra os que estavam em Cerrito, Corisco, Espinilho e Taquaruçu. O líder dos caboclos nestas regiões era Castelhana. Nas certanias de Lages, o General Setembrino, dispersa à bala os revoltosos.

Na **linha oeste**, com o Coronel Castro, a ideia era proteger a ferrovia e suas imediações. Uma expedição demarca e ataca os revoltosos. “Cerca de 3 mil pessoas, a maior parte mulheres, crianças e inválidos fugitivos dos redutos, apresentam-se às tropas legais. Líderes rebeldes também se entregavam” (BENTO, 2012).

Na **linha Norte**, com o Coronel Sócrates, quem comanda o massacre é o Capitão Alberto Potiguar. Atacou o pequeno reduto Piedade, Santo Antônio, Gramado, Timbozinho, Pinheiros, Tomazinho.

Na base Leste, o coronel Julio César combateu os redutos da Colônia Vieira e os pontos fortificados de Marcelo Alves, Josefino e do Aleixo. Houve um grande conflito e o rendimento dos revoltosos junto de seus líderes.

Setembrino não teria atacado a mata de Santa Maria, no dia 2 de abril, por ser sexta-feira santa. Mas, a partir do dia 3, iniciava-se a implacável caçada ao último reduto. Na direção de Santa Maria todos caminhavam com suas tropas oficiais. Nos termos de Bento, por volta de 1º de abril de 2015, os revoltosos estavam recalçados, isto é, o sertanejo, guerreiro, valente lutador por sua terra e sua gente estava cercado.

Nos termos de Bento:

Depois de recalçar os revoltosos para a margem esquerda e de reajustar o seu dispositivo, o destacamento, enfrentando resistência rigorosa, transpôs o rio Santa Maria e penetrou no reduto, Santa Maria, deparando numeroso armamento e munição, e centenas de cadáveres insepultos. Depois de arrasar quase 2.000 casebres, prosseguiu repelindo revoltosos emboscados. (...)

Conquistado à base de arma branca. Breve descanso, e reiniciou a marcha sobre Aleixo, assaltado e conquistado, em luta corpo-a-corpo. No fim da missão, o destacamento acampou no local, depois de provocar um grande incêndio nas moradias.
(BENTO, 2012).

Por mais que Setembrino tenha advertido aos oficiais a tratar com clemência os que fossem rendidos, na prática foi bem diferente. Outros historiadores relatam a crueldade com a qual eram tratados os capturados.



Rendidos
 Fonte: Arquivos do Exército

Os caboclos tentaram fugir do cerco armado por Setembrino em vão. Santa Maria dura de fevereiro a abril de 1915. Para Paulo Pinheiro Machado, foi um episódio extremamente violento, uma destruição. Setembrino volta para o Rio de Janeiro.

Uma célebre imagem capturada por Claro Jansson¹⁴, recupera uma das cenas que revelam a agonia da hora em que o Exército captura os rebeldes.

¹⁴ O fotógrafo sueco, Claro Jansson, foi contratado pela *Lumber*. São dele os principais registros fotográficos do avanço da empresa e da violência e atrocidades da guerra.



Rendição sertaneja – Canoinhas. 1915
Fonte: Acervo da família de Claro Jansson

Uma família inteira de caboclos pode ser identificada com a impotência e passível da redenção outrora pretendida por Setembrino. No entanto, uma vez rendido, todo sertanejo era conduzido à morte. Porém, como manda o costume, ninguém pode morrer com fome. Então, serve-se o alimento sob o olhar inescrupuloso dos soldados que depois arrancarão as vísceras de cada um e as pendurarão na cerca, conforme os relatos.

Tudo estava findado por volta de abril de 1915, quando este último reduto foi abatido. Bento declara: “Desprovidos de recursos, vitimados pela fome e pela doença, isolados das fontes de suprimentos pelo cerco, os revoltosos não poderiam reiniciar a luta e foi dissolvida a Expedição que honrosa e vitoriosamente o General Setembrino comandara” (BENTO, 2012).



Imagem da Rendição em Iracema, reduto liderado por Antônio Tavares.
 Fonte: **História do Exército**, 2 ed. 1998 in BENTO, 2012.

O presidente da República, Wenceslau Braz, determina a ocupação militar das terras e honrando os compromissos com o famigerado Sindicato *Farquhar* e o progresso industrial e econômico.

Com o término da guerra, dentre os sobreviventes, restou uma vida a esmo, uma marca de sofrimento. Alguns relatam os rios de sangue, famílias dilaceradas, sem perspectiva e vivendo, por muito tempo, o assombro do terrorismo que ali se implantou. Os que restaram para contar a história permaneceram escondidos muitos dias na mata. “Comiam carne podre ou broto de mato”, conta D. Sebastiana.

formaram a grande parte da população despossuída, isto é, sem os meios de produção (...). Essa população foi, dessa forma, transformada em força de trabalho, em fator de produção, como instrumento gerador de riqueza para os detentores da hegemonia, num processo interessante (JESUS, 1991, p14).

Adeodato, que conseguiu fugir embrenhando-se pela mata, vai ser preso em sua cidade natal, São José do Cerrito. Condenado à pena máxima, após cumprir 7 anos de prisão, tenta fugir, mas é morto por um guarda. Como narra Vicente Telles, “ali terminava definitivamente e era sepultada a história dos rebeldes do Contestado” (“A Guerra do Contestado”, 2012).

No final de 1915 e início de 1916, a guarda apenas realizou uma operação-limpeza, onde jagunços e fanáticos foram presos ou mortos (Cf. SCHIMIDT, 2003). Pedro Pinheiro lembra que existiam refugiados da guerra concentrados em três pequenos redutos: Pedra Branca, São Pedro e São Miguel. Neste período, mais de 10.000 pessoas, sobretudo velhos, mulheres e crianças se apresentam para a Força Armada. Vicente Telles diz que a limpeza era simplesmente o extermínio dos sobreviventes. Eram executados sumariamente.

3.3. O misticismo

A ausência do Catolicismo oficial dá surgimento às benzedeadas, mandraqueiros, santos populares e monges. Tonon defende a existência de mais de 50 monges que passaram por estas terras.

A influência dos monges, sobretudo na idealização da guerra como uma luta entre o bem e mal: bom era o povo abençoado de Deus e mal eram aqueles que traziam a destruição e a morte. Essa ideologização e o incentivo à luta que os monges faziam rendeu ao povo o título de “fanáticos”, porque seguiam aquelas regras e orientações e eram induzidos por eles a pegar em armas e lutarem por suas terras. Para os poderosos eram a personificação do demônio, para o povo, emissários de Deus.

A ideia de misticismo no Contestado é abordada por Douglas Monteiro. O Contestado ficará conhecido também como a Guerra dos Fanáticos. O fanatismo nasce do misticismo protagonizado a partir dos movimentos messiânicos. O autor expressa na frase “nos redutos tinha mistério” todo devocionismo que mobilizava os caboclos (MONTEIRO, 1974, p.14).

Não há consenso entre historiadores a respeito destas personagens.

Segundo historiadores, Pedro Derengonski e Vicente Telles, foram três monges que se tornaram bem conhecidos. Tratava-se de João Maria d’Agostini, o santo; João Maria de Agostinho, que se dizia sobrinho do primeiro, o político; e o Monge José Maria de Jesus, o guerreiro, que morreu no conflito.

O povo não faz distinção deles. As fontes históricas recuperaram suas especificações.

São João Maria d'Agostini, o primeiro grande profeta, vindo da Itália, chegou em Sorocaba/SP em 1844. Desceu pela entrada dos tropeiros até Viamão/RS. Seu desaparecimento data 1870 a 1875, segundo Tonon.

Depois deste, surgiu João Maria de Agostinho. Dizia-se irmão do primeiro. Seu nome, Anastácio Marcaf. Teria sido marinheiro que chegou pela Argentina. Tonon descreve-o como aquele que passou pela Lapa, onde se encontra uma gruta por ele deixada. Depois por União da Vitória, Mallet, Palmas, entre outras.

O terceiro surge em 1904. segundo os registros históricos, era desertor da polícia militar do Paraná, Miguel Luciano de Boaventura ou Miguel de Lucena, adotou o codinome de José Maria. Orientava o povo quando ao uso medicinal das plantas e começou a prepará-los para o conflito armado. A morte deste monge acontece no conflito dos campos de Irani, onde está sepultado. Os outros o povo acredita que não tenham morrido, mas que tenham encantado no morro do Taió ou outro lugar.

Tonon descreve a influência deste misticismo no imaginário popular, das rezas, lendas e costumes. Seus ensinamentos se tornaram referência na fé das pessoas por muito tempo, até que a Igreja viesse a se instalar na região. Ainda hoje permanecem contos, profecias, costumes e tradições religiosas mantidas geração após geração: fontes abençoadas, batismos, rezas e benzimentos.

3.4 As mulheres do Contestado

Considera-se o fato de ser um tempo do império machista e patriarcal. Era difícil encontrar mulheres protagonizando a história. Anita Garibaldi, da Guerra dos Farrapos, deixou uma primeira marca do poder feminino em lutas anteriores ao Contestado, na região.

O monge José Maria se fazia acompanhar por um séquito de mulheres para ajudá-lo nas rezas, nas pregações e no preparo dos remédios. As “virgens”, lembra Eloy Tonon, eram escolhidas pelo monge e pelas lideranças dos redutos, ou Cidades Santas. Eram orientadas a viver a piedade e a pureza de alma. Talvez este fosse o sentido de virgem, para além do sentido biológico, pois havia entre elas mulheres casadas. Com a morte do Monge, elas assumem um papel de videntes e algumas até de guerreiras (cf. TONON, 2012).

Teodora, neta de Eusébio Ferreira dos Santos, um dos líderes do Movimento Caboclo, era uma das que teve “visões” com o monge e, seguindo suas orientações, conduzia os sertanejos. Um dos comandos foi o agrupamento em Taquaruçu.



José Maria e as virgens
Fontes: Museu do Contestado – Caçador/SC

Algumas mulheres merecem maior destaque, embora não apareçam muito da literatura, mas na memória e no inconsciente coletivo, Maria Rosa e Chica Pelega farão muita diferença nas lutas e estratégia de guerra.

Maria Rosa, desde os 13 anos de idade, já é personagem da guerra. Nas orações dos Exército Encantado de São João Maria, “entrava em transe e discursava dizendo receber ordens do Monge José Maria. (...) Com o passar do tempo, além de líder espiritual, a virgem Maria Rosa se transforma em chefe militar e comandou a retirada estratégica, após a primeira batalha de Taquaruçu, em 1913, para o novo reduto em Caraguatá (RUBIM, 2008).

É considerada pela memória da guerra, uma mulher guerreira e valente, liderou o exército até ser assassinada, junto de sua guarda, pelo capitão Potiguar e pelas forças expedicionárias nas redondezas do Rio Caçador Grande.

Chica Pelega ficou conhecida por empunhar seu facão destemidamente. Rubim lembra que ela era respeitada deste Taquaruçu. Seus conhecimentos em ervas medicinais a tornaram cuidadora dos doentes, velhos e crianças. “Chica Pelega morre quando a Igreja, tomada pelo fogo, desaba em cima do galpão onde se encontravam mais de 300 pessoas” (RUBIM, 2008).

Rosa Pais de Farias, filha do grande líder Chico Ventura, foi uma das poucas sobreviventes da guerra. Viveu até os 98 anos. Diz Rubim que era responsável por confeccionar as bandeiras e os uniformes de guerra para a Exército Encantado. Afirmava: “Nós estamos aqui e vieram nos atacar. O que havíamos de fazer? Resistir. Houve muita morte de lado a lado. Mas muito soldado passou para o nosso lado”.



Maria Rosa

Fonte: Dario Prado Júnior in RUBIN, 2008

Mesmo com o exemplo das mulheres que lutaram, o grande público feminino, ao lado das crianças, foi o mais vitimado. Estupradas e mortas, as mulheres eram vulneráveis e alvos fáceis daqueles que lutavam contra os caboclos. Eram tratadas como bicho do mato. Portanto, não havia nenhum escrúpulo nem remorso daqueles que as abusavam.

4. MEMÓRIA DAS PRIMEIRAS FONTES

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito (BOSI, 2015, p.39).

Em sua memorável obra de escuta e narrativa, Ecléia Bosi resgata das “Lembranças de Velhos”, os sentimentos, as inspirações, os medos, os encantos e desencantos naqueles que muito têm a dizer da vida e de sua própria vida. São experiências que viram história, história que ensina a posteridade. O mesmo acontece quando se propõe a ouvir outros contos, relatos e fatos. Como é o caso daqueles que viveram ou foram influenciados pela Guerra do Contestado.

Quando se propõe ouvir, o objeto de pesquisa não é a pessoa em si, mas o contexto em torno dela. A memória mantém somente o que mais marcou a vida de quem conta a história. Durante muito tempo, ainda antes da linguagem impressa, a tradição oral será a forma de comunicar ao longo dos tempos os fatos e acontecimento. A história bíblica, por exemplo, perdurará por anos nesta tradição, isto é, contada através das gerações. Ao final, as histórias que restaram, foram as que tinham mais relevância para aqueles que não a perderam ao longo dos tempos.

A memória é uma forma de perpetuar histórias, guardar as fontes ou subjugar as ideias menos importantes. Assim descreve Stern:

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, é alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito, e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (STERN *apud* BOSI, 2015, p.68).

O passado consultado na memória das pessoas é perfazer sonhos alcançados e frustrados. Há um misto de tristeza e dor por um lado, e do outro, certa satisfação de quem olha para traz e regozija-se com o resultado do que vê. Entretanto, esta ambiguidade é tensa. Quando a lembrança refaz o sofrimento, a memória parece ser

açoitada e atualiza o fracasso de quem nada pode fazer para refazer, reconstruir, recomeçar.

As lembranças boas do passado são fáceis de mencionar. Mas a memória da dor parece ser naturalmente evitada. Bosi analisa a memória política dos seus entrevistados e descreve como “um jogo sinuoso, aparentemente sem vitória certa”. No relato do Sr. Amadeu aparece a memória da guerra:

Com a guerra veio muita miséria, nós passamos muito mal em São Paulo. Lembro da Companhia Mecânica Importadora que ajudou muitos desses que não tinham possibilidade de aquisição. (...) Na hora do almoço e na hora da janta ela dava uma sopa para as famílias (...) e davam um pão. Em 1917, no finalzinho da guerra, veio uma miséria extrema (BOSI, 2015, pp.129-130).

Os detalhes descritos remontam ao que era importante para aquele momento e que permanece na memória: um pão.

Enfim, ouvir pessoas que possuem uma vasta riqueza de memória, um acervo de informações, é respeitar a história e reconhecer a sua participação nela.

Por vezes o “velho”, nas sociedades atuais, é um conceito estereotipado e travestido de incapacidade. Benjamim, ao falar da obra de Bosi apresenta o velho como “fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, [...] só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado”(BOSI, 2015, p.18). Mas, se os velhos são guardiões do passado, por que nós é que temos de lutar por eles? Porque foram desarmados. Ecléia, em sua tese, deixa exposta uma ferida aberta em nossa cultura: a velhice oprimida, despojada e banida.

Na trajetória de uma guerra, as marcas deixadas calam na alma. A pele marca o fio da espada e a memória o trauma e o medo. O trabalho a seguir propõe ouvir a memória das primeiras fontes, isto é, dos que viveram o cenário da morte ou gravaram a tradição oral.

A função social do velho é lembrar e aconselhar, unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. Sociedade que, diria Espinosa, “não merece o nome de Cidade, mas o de servidão, solidão e barbárie”, a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa (BOSI, 2015, p.18).

VICENTE TELLES



Sr. Vicente Telles, Irani/SC: Acervo próprio

Rábula da História, como assim se denomina o Vicente Telles, é um dos grandes expositores e pesquisadores da história do Contestado, tem 84 anos de idade e mora em Irani/SC. Definiu sua trajetória de vida a partir dos 18 anos de idade, quando foi servir o exército no Rio de Janeiro, RJ. No entanto, sua real vocação era a música.

Acabou indo para o exército por necessidade e devido às poucas opções da época. Trazia consigo o sentimento caboclo no coração e na alma. Reinava a pureza e a ética de compostura, dignidade e reverência messiânica que marcou a alma do povo.

Remonta a história desde quando os maragatos vieram para cá na esteira da história. Encontraram pessoas simples. Relata que, devido ao abandono na época por parte da polícia e de pouca segurança, o costume era de beber, jogar e brigar. Um bom pretendente a marido precisava beber para mostrar que era macho, jogar para mostrar que tinha dinheiro para sustentar a família e brigar para mostrar que era

valente e daria segurança à família, pois havia muita violência, invasão, estupros etc. Ainda há quem bebe, joga e briga.

O entusiasmo pela história do Contestado surgiu quando, depois de ter voltado do exército, encontrou uma de suas irmãs com problemas na família, exatamente por causa daqueles costumes que prejudicavam a família e que viviam em situações de indignância.

Outra ocasião foi a quando um dos engenheiros que vistoriavam a obra de construção da BR 153, chegou até ele e perguntou: “Você nunca se interessou pela história do Contestado?”

Na época era proibido falar sobre o assunto. Sua mãe dissera que não se podia falar. O pai era jagunço e vivia escondido no mato. Foi crescendo em mim um sentimento de indignação. “Descobri que sou um pouco da voz do sangue”, alude Telles. Começou naquela época a investigar, desde a família. Descobre que o avô, enterrado como bandido, ressurgiu como herói jagunço: José Alves Peron. Desvela suas origens e passa a se perguntar porque não sabia desta história?

Busca nas primeiras fontes, que são as mais confiáveis, os relatos de quem viveu mais próximo o horror da guerra. Começou a percorrer a região. Havia uma timidez terrível nas pessoas. Foi se aproximando, bebendo cachaça e tocando gaita.

Ficou sabendo, com o Nilson Tomé, do período de limpeza que consistia na execução sumária dos que sobreviveram à guerra. Um período de chacina.

Descreve que numa família pegavam o cidadão, diante da família, com o dedo apontado para a família e com a faca na outra mão cortavam a garganta e diziam: “se alguém abrir a boca vai acontecer a mesma coisa”. Isso era a operação limpeza, para que outros se calassem e não falassem sobre a guerra, o que levou ao silêncio de todos sobre o assunto.

Conheceu alguém ligado à família que recebia a polícia em sua fazenda. Lá rendiam os caboclos, prender pelos peões da fazenda, para que fossem degolados. Mas os peões eram mais amigos dos caboclos do que dos oficiais. Por isso, muitos conseguiram fugir. Mais tarde o dono da fazenda foi condenado à morte e teve que abandonar suas fazendas.

Era tanta morte como descrevia uma tia de sua mãe, com 104 anos de idade: “Aqui, naquela época, não se podia beber água naquela sanga por causa dos cadáveres. Aqui, todos os dias apareciam cachorros trazendo pela boca braços e

pernas ou cabeças de pessoas, aqui, todos os dias se ouvia gemidos de pessoas que eram proibidas até de chorar!”

Em Taquaraçu, Benedito Chato, era prova cabal de que a morte predominava na consciência das pessoas. Foram se conhecendo e tornando amigos. Em certa ocasião, depois de sozinho visitar Benedito, ele pergunta se havia matado a esposa. O inverso acontece quando vai apenas a esposa, e lhe é perguntado se matara o velho. Havia uma cultura de morte. Isso pode ser conferido em alguns nomes de lugares: curva da degola, Serra das Mortes, entre outros.

Estava em Irani, num belo dia, uma família chorando o procura porque a diretora da escola, uma freira, decretou o uso de uniforme. Foi falar com a diretora sobre o contexto da guerra e sobre a carência dos que não podiam adquiri-lo. Mal sucedido em sua intervenção, resolveu levar esta situação dos pobres ao desfile de 7 de Setembro. Pôs em marcha pessoas maltrapilhas, com um filho no braço, outro na barriga, outros de arrasto, cabritos, cachorros magros etc. e de cima de uma caminhonete com som e foi falando sobre as raízes da história. Um promotor, assistindo ao fim do desfile, fez um discurso inflamado sobre a história do povo do Contestado.

Em meio a estes episódios tornou-se conhecido de Espiridião Amim, governador do Estado, que se empolgou pelo trabalho. Contando com seu apoio chegaram a reunir 12 mil pessoas em eventos do Contestado. Entrou a politicagem e a briga de interesses, cobranças e certa perseguição. Mas, apesar de tudo, nunca sentiu-se impedido a continuar a verdadeira história do Contestado, jamais contada.

Dedicou-se a defender uma versão inaudita extraída do ventre da história, dos exemplos de bravura dos grandes e verdadeiros heróis. Era necessário dar a versão correta à história. Isso não foi guerra, pois guerra pressupõe equiparação de forças, armas e adestramento. Foi o exército da velha república contra maltrapilhos.

Era necessário falar mais do que as devassas, invasões e a destruição. Mas das marcas deixadas na alma do caboclo. E distinguir a realidade da história inventada pelos vencedores.

Há muita contradição até mesmo das personagens. O jagunço do Contestado era uma figura controversa. Por alguns considerados os mercenários, tiravam a vida alheia, matavam por dinheiro, outros, lutavam pela causa cabocla e tinha a cabeça raspada, o que dava o título de jagunço da cabeça pelada, que define a guerra dos pelados contra os peludos. Os peludos eram os coronéis barbudos.

Mas o medo das pessoas, de falar sobre o assunto, limitava muito o esclarecimento dos fatos. Há o exemplo de um caboclo, Seu Flora, tamboreiro dos Paes de França, que morava no bairro Charqueada, Canoinhas / SC. Contou a história do Pedro Ruivo e seus capangas, que quando chegaram em uma casa de irmãos sobreviventes, forçaram a sair, os homens foram amarrados e castrados e as mulheres estupradas. Este caboclo tinha dificuldade de relatar tais abusos, pois entre os pesquisadores havia uma mulher, e na presença dela ele se sentia acanhado. Ainda explicou que multidões de crianças e mulheres foram levados de trem, ao mar, para serem mortos.

Sobre o Adeodato, alude: “quem ganha, conta a história como lhe convém, quem perde não tem vez nem voz”.

Adeodato mata um neonatal porque sua mãe já estava morta. Eutanásia para amenizar um sofrimento. Este soldado tão controverso, odiado por muitos e temido por todos, se apresenta faminto. Ele não foi um bandido, mas um justiceiro. Foi a revolta de um homem quando vê a injustiça de alguém sofrendo. Quando sentiu que a guerra era isso aplicou: matar ou morrer, matar os vacilantes porque poderiam se tornar inimigos dos verdadeiros heróis.

Um grande estrategista, numa ocasião, Adeodato se deita sobre a mesa, chama duas virgens e manda avisar: “digam que Adeotado morreu”. A primeira vai levar a notícia e a outra, ele manda observar a reação e o comportamento de todos. Os que se alegraram com a notícia, potenciais traidores, ele os mata. Sua causa era defender o povo indefeso.

Persival Farquar, será o algoz que delimita as terras e manda expulsar os caboclos. Além dos limites agregados à madeireira, serão os coronéis que tomarão posse a troco de voto para manter os fidalgos políticos no poder.

Aos que remanescem, a virtude da coragem cabocla foi desaparecendo, quando o ente querido fora degolado. E os ares de destruição eram enfáticos. Tia Ana, relata Telles, nos momentos de lucidez, dizia que naquela época não se podia comer carne de porco, porque os porcos só comiam carne humana.

Quanto ao Monge, eram três, na verdade. Mas para os caboclos são um só. O primeiro, da Itália, deixou um rastro na alma do povo. Milagreiro, chegava a levitar. Foi um santo e não poderia descrever a ética se não fosse ético. Deixa a ordem religiosa, e substitui a presença da Igreja que só marcará presença alguns anos mais tarde. A Igreja mandava monges que eram grandes líderes preparados pela própria Igreja.

O segundo, João Maria de Jesus, fanático de Gumercindo Saraiva, usava a bandeira do divino, era mais político. Uns dizem que encantou no morro do Taió.

O terceiro, foi o que santificou a própria existência pelo ato que teve. Quando veio a ordem de que as tropas de João Gualberto em direção a Irani, logo o monge prepara seus soldados, a coragem de matar é do bandido, a coragem de morrer é do soldado, do missionário. Dizia: “um comandante não pode exigir do seu soldado o que não é capaz”. E acrescenta: “irei na frente, morrerei no combate, levarei o inimigo, e vocês vem atrás”. Todas as profecias se cumprem. Este é o herói, o mártir, o santo. Conhecedor da medicina empírica: curandeiro, benzedor, estimado pelo povo.

Há histórias que o monge teria deixado as pessoas passarem um rio por primeiro e, quando chegavam do outro, ele já estava lá. Outro relato diz que o Santo teria atravessado o Rio Iguaçu sobre uma toalha.

Ao lado do martírio e da honra do monge, está o papel do oficial Matos Costa, que morreu mártir da paz, tentando apaziguar. Matos Costa e Felipe Schimidt tentam uma negociação para amenizar o derramamento de sangue. As instâncias superiores ignoraram o pedido.

Porém, sua morte se deve às descobertas de desvio de dinheiro por parte de Coronel Fabricio Vieira. O coronel vendia terras ao caboclos e quando estavam prestes a pagar a dívida, chamava o exército e mandava expulsar os caboclos da sua terra. Até mesmo uma máquina de dinheiro falso teria usado. O próprio coronel planeja a morte de Matos Costa, infiltrando soldados entre os caboclos que dão cabo da vida do oficial. Depois manda queimar madeiras para diminuir o foco de suas falcatruas. Isso vai pra conta dos caboclos.

Mas o mais importante dos ensinamentos deixados pelo monge foi da dignidade e pureza de mente coração e alma.

O trauma do pós guerra, a degola, o dedo no rosto, minha mãe com o rosto desfalecido, tudo vai marcar profundamente o caboclo e a região. Ainda se vê um povo sem sorriso, sem alma, destituído de tudo.

Uma dívida social permanece como ferida aberta. Como são tratados os locais da guerra e como são tratados os caboclos desta terra. Uma calamidade como é tratada a vida. Há quem ria de quem trata desta história. Conclui Telles, não temos bomba para matar, é preciso trocar o câncer da corrupção, pelo voto. Viver com dignidade, isso é ética. Há novas lutas a travar, em favor do bem para todos. Sem fraternidade não há coesão, sem coesão não há Pátria.

MARIA TRINDADE MARTINS

D. Maria Trindade Martins. Acervo próprio

Nascida aos 08 de maio de 1906, D. Maria concede esta entrevista em sua casa na véspera de comemorar 110 anos de idade, com três filhos e duas filhas, uma destas já falecida. Com família numerosa, pode vir a ser uma das raras pessoas a conhecer seu penta neto.

Perdeu o marido, Pedro Linz, que era filho de rebeldes, logo cedo. Para sustentar a família, descreve seu filho Francisco, vulgo “papai-noel”, foi de muita

peleia na roça e no mato. Moraram em Timbó Grande, Serra da Boa Esperança e Santa Cecília.

Foi parteira de mais de duzentos bebês e diz ter perdido a conta de quantos afilhados ganhou ao longo da história. Diz ter sido parteira de si mesma. Sem grande dificuldade fez o parto de uma de suas filhas. Salvou a vida de muitas crianças, até quando o parto era complicado. Brinca ao dizer que tropeça mais em compadre do que em qualquer toco e que aqueles que outrora pegou em suas mãos, hoje grandes, homens enormes e fortes.

Duas coisas não gosta, que seja chamada de negra ou “véia”, “sou uma mocinha, olhe meu corpinho”, caçoa.

“Meu corpo dói, mas eu não tenho ‘parança’, fujo do meu filho para ir ao mercado”. O comércio fica cerca de 800 metros da casa. O corpo apresenta as marcas do tempo, mas a alma é uma brandura incólume.

Recentemente foi matéria para **O Estadão**. Descreveu dos tempos difíceis da guerra e sempre que indagada sobre o assunto responde com frases curtas e impactantes. Em matéria relatou a alimentação precária dos sobreviventes, o sofrimento e a covardia.

Logo apresenta as relíquias que sempre a acompanham: a foto do monge e o facão debaixo do fogão a lenha.

O monge está presente na imagem emoldurada, guardada há décadas, com mais de oitenta anos, que ganhou de sua a figura e também numa pequena figura que traz sempre consigo na carteira. Ainda destacou os batizados nas fontes de São João Maria como procedimento após o parto.

Sobre a guerra diz que a matança era feita porque eram bandidos. “Os coitados andavam correndo para o mato, mas não adiantava”. Os sobreviventes, ficaram escondidos no mato, passando fome, na chuva e tinham suas casas queimadas, relata D. Maria.

A comida era cinta torrada no fogo, brotos de bambu, taquara e amora. E tinham que ficar bem escondido, senão “já era”.

Sua altivez aguerrida fez com que, em determinado momento da conversa, enquanto falava de uma louca que a perturba, disse querer matá-la com sua “espadinha”, um facão que guarda debaixo do fogão a lenha. Com o facão em punho diz: “eu tenho ordem da polícia, a polícia disse que eu posso matar, não tenho crime nenhum por causa da minha idade, mas eu não vou sujar minha ‘arma”.

Com certa lucidez mas com uma força física singular traz consigo um senso de humor impressionante e a força para o trabalho em sua pequena lavoura de abóboras, já devidamente “preparada para o inverno”, aludindo à palha que cobre os produtos.



D. Maria Trindade cultivando abóbora. Acervo próprio

Sua grande lamentação e não lembrar de muita coisa e também de “não prestar mais”, o que quer dizer que consegue fazer poucas coisas.

“Às vezes fico sozinha, quieta e choro. Fico chaveada e rezo à Nossa Senhora de Aparecida. Mas não lembro de muita coisa”.

Causa uma impressão, de certa fuga daquela realidade e também um desconforto nalguns relatos. Por isso, a abordagem não ocorre em prejuízo daquela que fala e parece ressentir o passado.

CÉLIA BELLI DE OLIVEIRA



D. Célia, à frente, e D. Varda, fenótipo caboclo. (Acervo digital)

D. Célia Belli de Oliveira, com 62 anos de idade, é viúva há três anos. Vive com seus três filhos e netos, na comunidade Rio Bonito do Meio, Lebon Régis / SC. É professora aposentada e agricultora.

Conhece a Guerra do Contestado pelo o que sua mãe contava e outras pessoas que sobreviveram à Guerra. Conhece através de livros, documentários – dentre alguns participou com entrevistas – e outros escritos sobre a temática.

A Guerra do Contestado, narra d. Célia, teve início devido à questão das terras e madeiras invadidas para “passar” a estrada de ferro. “Os caboclos e não caboclos da região se revoltaram com toda a razão, é claro!” afirma. E aí foram se ajuntando em redutos para enfrentar os soldados que vinham do governo e começou a matança. Os caboclos da região se tornaram fracos, pois não tinham armamentos nem força para enfrentar o inimigo, que vinha mais equipado. Começam a invadir fazendas de

gado, matar os bois para sobreviverem com suas famílias. Muitos fazendeiros estavam do lado das forças do governo.

Foram se tornando fanáticos porque seguiam líderes, e foram vários. Os caboclos se fortalecem nas crenças e nas rezas. Mesmo assim, foram vencidos.

Conta que seus tios, sobreviventes, Manoel Tobias, com 12 anos na época, Ricardo Tobias, 14 anos, Maria Rosa Tobias, 10 anos, Cristina Tobias, com 9 anos, eram os que relatavam os fatos, junto com sua mãe, Erna Maria Tobias, nascida em 1917, um ano depois do término da guerra. Conheceu homens que contando que matavam soldados, “enfrentavam combate com garruchas e facão de pau”, entre eles, Miguel Correa, Vitor Correa, Antônio Pinto e o Joãozinho Miguel. Essas pessoas eram desta região onde mora, Lebon Régis e Santa Cecília / SC.

Diz Célia que “até mesmo em uma batalha perdida ainda podia vir uma consequência positiva”, referindo-se à família e à união entre os caboclos que lutavam pelas sobrevivência. Os avós Cezoste Tobias e Maria Gonsalves fugira da guerra com seus filhos e foram para Brusque / SC e chegaram na casa do sr. Carlos Belli, que os acolhe e dá trabalho, comida e moradia. Depois da guerra regressam às terras contestadas e tomaram posse das terras que agora estavam abandonadas.

Da união de Carlos Belli e Erna Maria Tobias, nascem sete filhos e entre eles, Célia Belli Oliveira. Para ela, “é muito forte lembrar que tio Manoel falava que comeu cinto de couro assado para matar a fome”. Sua mãe contava que as mães escondiam as filhas, meninas moças, para defender da exploração sexual, e acrescenta, mesmo depois de 100 anos passados, a cultura cabocla ainda é forte na região: as rezas, remédios caseiros, as falas, benzimentos, as comidas, danças, batizados, os locais aonde aconteceram as batalhas.

Alude a uma novidade recente, a criação da Pastoral Cabocla que está resgatando o passado e trazendo para os dias de hoje. Apesar da dor da memória da morte, do sofrimento, das lembranças dos avós contando que viam a morte de perto, quando Adeodato matava as crianças.

Entre muitas pessoas que ficaram na memória do povo destaca-se a Chica Pelega. Ela morreu queimada dentro da Igreja do Taquaruçu, juntamente com 70 crianças que cuidava. Também Maria Rosa era tida como vidente (porque se comunicava com o monge José Maria, morto na batalha de Irani) e seguia à frente do exército encantado. José Maria além de monge, era curandeiro. Outras pessoas

também ficaram conhecidas neste cenário, a Tia Maria era quem fazia comida para crianças e Benedito Chato, que venceu várias batalhas.

Afirma conhecer bem a história de São João Maria de Agostinho, o monge que andou por estes lados. Sua avó, Maria Senhorinha, conversava muito com ele. “Era homem de poucas palavras, mas as pessoas acreditavam e acreditavam muito nele”. Nos lugares próximos onde passou, deixou um cruzeiro e marcou o lugar para que nunca acontecesse peste, fome, guerra ou dilúvio. O pocinho por ele abençoado teria água que serviria de remédio e era para batizar as crianças.



Casa do filho de Célia, com a bandeira com a cruz que marca a tradição na comunidade, o misticismo e preserva a memória da guerra. 2016. Acervo próprio.

Este é o monge que surge logo depois da guerra. Os livros falam que ele apareceu antes ou durante, isso não é verdade. Contesta a partir dos depoimentos da avó e dos que sobreviveram e que contaram para os que ainda vivem.

A guerra mudou o comportamento das pessoas. Os descendentes sobreviventes ficaram ansiosas, com baixa autoestima, “sofriam da cabeça”, do sistema nervoso. Há diferenças entre esse povo e outros que não fizeram parte desta realidade. Quando se ouve as histórias contadas pelas pessoas ou quando se lê e assiste aos filmes e documentários, desperta muita revolta, tristeza, interrogações, dúvidas, cobranças etc., ao mesmo tempo, sentimentos de vitória: “Eu venci! Minha família venceu! Estamos vivos!”.

Uma das grandes dúvidas que permanece é que a guerra não acabou. “Tem que continuar lutando. Tem batalha para vencer. Esse massacre tem que ser ‘recompensado’!”

Tudo o que se conhece a respeito não é suficiente para saber dos culpados que fizeram tantos inocentes morrerem e sofrer até hoje.

“Depois da guerra, as famílias sobreviventes foram voltando para as terras. Havia muita pobreza, miséria, doenças. **Esta guerra hoje ainda não foi vencida e nem todas as famílias se reconstruíram**” (grifo nosso). Hoje ainda se sofre as consequências. “É muito bonitinho ver, no papel, a história da guerra. Mas, a gente ter no sangue os resquícios de um sofrimento que influencia até hoje, isto é, desde o desenvolvimento das cidades, dos que sofreram os massacres, até no rendimento dos alunos nas escolas, na falta de fontes de renda, do cuidado com a saúde etc.

Perdeu-se muitos costumes, comportamentos e atitudes que se tinha quando criança. Hoje, os filhos e netos não carregam mais estas características e atitudes.

5. BIOÉTICA

A ética existe deste quando o ser humano tomou consciência de seus hábitos e relações interpessoais. Ética é o próprio ser humano regulamentando suas ações. É uma tarefa do eu em vista do nós. Visa harmonizar, regular, propor e impor limites, corrigir, moderar, ponderar.

Aristóteles é um dos primeiros filósofos a definir ética interrogando a respeito do ser humano.

Toda a arte e toda a investigação científica, assim como toda a ação e eleição parecem tender para algum bem. Com respeito a nossa vida, o conhecimento desse bem é coisa de suma importância, e tendo o presente como os arqueiros têm o alvo, acertaremos melhor onde convém (ARISTÓTELES, 1991, 1 e 2).

Ao longo da história, construir-se-ão os conceitos e o *modus vivendi* dos povos, culturas e sociedades. Ética e moral surgiram como “freios” de controle social e pessoal a fim de harmonizar a convivência e efetivar a paz, a justiça e a ordem.

Ora, cada qual julga bem as coisas que conhece, e dessas coisas é ele bom juiz. Assim, o homem que foi instruído a respeito de um assunto é bom juiz nesse assunto, e o homem que recebeu instrução sobre todas as coisas é bom juiz em geral” [...] “E cada homem, desejando vantagens para si mesmo, critica o seu vizinho e lhe faz obstáculo; porque se as pessoas não forem vigilantes o patrimônio comum não tardará a ser completamente demolido. Daí resulta encontrarem-se em estado de luta, procurando coagir uns aos outros sem que ninguém se disponha a fazer o que é justo (ARISTÓTELES, 1991, p.50).

É da formação dos costumes e reflexões que surge a necessidade de impor parâmetros na convivência interpessoal. Em certo sentido, a ética e a moral surgem justamente para frear e proteger a liberdade e regulamentar direitos e deveres. Este refreamento foi necessário para moderar e conter os abusos. Porém, ao longo da história, entenderam como repressão, entrave e mordação. De fato trata-se de um terreno complexo, paradoxal e controverso.

Esta construção normativa questiona a responsabilidade do sujeito: o que tem de fazer. O que pode? Como pode? O que deve fazer? O grande problema do juízo moral é a subjetividade que condiciona o ver, o entender e o agir moral. Ainda que não seja objeto desta pesquisa, o de distinguir os paradigmas morais e éticos, é essa

polaridade que adequa a ética a determinadas situações. Um pragmatismo pode caracterizar a ética em seu contexto e em cada situação.

A pesquisa que segue esboça alguns conceitos de moral e de ética, suas origens e como a bioética vai brotar deste tronco como nova preocupação haja vista as novas circunstâncias e novas necessidades da ética e da moral dos últimos tempos.

5.1. A origem da ética e da moral

No contexto filosófico, ética e moral possuem diferentes significados. A ética está associada ao estudo, sistematização e reflexão dos valores morais que orientam o comportamento humano em sociedade, enquanto a moral são costumes, regras, tabus e convenções estabelecidas por cada sociedade¹⁵.

No senso comum, ambas ganham significado correlato, próximas de serem sinônimas. Mas, em suas origens, os termos possuem etimologia distinta.

A palavra “ética” vem do Grego “ethos” que significa “modo de ser” ou “caráter”. Já a palavra “moral” tem origem no termo latino “morales” que significa “relativo aos costumes”. No entanto, também é grega a expressão “*ta êthé*” que se refere a costumes. Ethikos se refere ao habitual.

Uma dimensão ético-moral intrínseca ao ser humano sistematiza sua prática a partir dos uso do bem e do mal. A esta investigação moral é que Ortega y Gasset estabelece o sentido para ethos.

Entendo por ethos, simplesmente, o sistema de reações morais que atuam na espontaneidade de cada indivíduo, classe, povo, época. O ethos não é a ética nem a moral que possuímos. A ética representa a justificação ideológica de uma moral e é, por fim, uma ciência. A moral consiste no conjunto de normas ideais que talvez aceitamos com a mente, mas que amiúde não cumprimos. Mais ou menos, a moral é sempre uma utopia. O ethos, pelo contrário, viria a ser como a moral autêntica, efetiva, espontânea, que de fato informa cada vida (ORTEGA y GASSET, 1955, pp.506-507).

Ética é uma parte da filosofia que trata do bem e do mal, das normas morais, dos juízos de valor (morais) e opera uma reflexão sobre este conjunto. Tem

¹⁵ Não há consenso nas definições e conceito de ética e moral. Muitos autores tratam da moral como práxis: normas, costumes, condutas. Ética, como teoria, leis, convenções, códigos. O texto que segue pode ser consultado no site: <http://www.significados.com.br/etica-e-moral/>.

igualmente, por objeto a determinação do fim, isto é, do objetivo da vida humana assim como dos meios para atingi-lo.

Ambas remetem a conteúdos vizinhos, à ideia de costumes, hábitos, modo de agir determinados pelo uso.

Apesar deste paradoxo que a análise etimológica nos assinala, há que operar uma distinção entre ética e moral. A primeira é mais teórica que a segunda, pretende-se mais voltada a uma reflexão sobre os fundamentos que esta última. A ética se reforça em *desconstruir* as regras de conduta que formam a moral, os juízos de bem e de mal que se reúnem no seio desta última. O que designa a ética? Não uma moral, a saber, um conjunto de regras próprias de uma cultura, mas uma “metamoral”, uma doutrina que se situa além da moral, uma teoria raciocinada sobre o bem e o mal, os valores e os juízos morais (RUSS, 1999, p.8).

Ética é um conjunto de conhecimentos extraídos da investigação do comportamento humano ao tentar explicar as regras morais de forma racional, fundamentada, científica e teórica.

A ética é a ciência que estuda os modos de existência segundo o bom e o mau. Seu objetivo principal foi ensinar a viver corretamente e a conseguir a felicidade. Para ele, toda a realidade está sujeita a rígidas regras; tudo está em perfeito ordenado, nada acontece por acaso ou arbitrariamente. A isto define como ética. Evidencia o fato de que a ética está ligada à liberdade, e faz da liberdade o desejar o bem, obedecer às leis e ao Estado e enfim, pensar tanto na morte quanto na vida para viver bem.

Kant define:

Outrora a palavra Ética significava a doutrina dos costumes (...) em geral, que se denominava também a doutrina dos deveres. Julgou-se bom, em seguida, aplicar este termo apenas a uma parte da doutrina dos costumes, isto é, à doutrina dos deveres que não se submetem a leis exteriores (KANT, 2005, p.49).

Moral é o conjunto de regras aplicadas no cotidiano e usadas continuamente por cada cidadão. Essas regras orientam cada indivíduo, norteando as suas ações e os seus julgamentos sobre o que é moral ou imoral, certo ou errado, bom ou mau.

Do Aurélio moral se apresenta como o que está

de acordo com os bons costumes. Que é próprio para favorecer os bons costumes. Relativo ao espírito; intelectual (por oposição ao físico, ao material). Estado de espírito, disposição de ânimo. A parte da filosofia que trata dos costumes, deveres e modo de proceder dos homens nas relações com seus semelhantes; ética. Corpo de preceitos e regras para dirigir as ações do homem, segundo a justiça e a equidade natural. As leis da honestidade e do pudor; moralidade (AURÉLIO, verbete: Moral).

No sentido prático, a finalidade da ética e da moral é muito semelhante. São ambas responsáveis por construir as bases que vão guiar a conduta da pessoa, determinando o seu caráter, altruísmo e virtudes e por ensinar a melhor forma de agir e de se comportar em sociedade.

Das definições de ética e moral, não encontramos clareza e distinção nem entre ambas, nem separadas. Contudo é possível perceber para onde apontam. Em suma, ética entende-se a reflexão, regulamentação e embasamento filosófico-teórico e moral, a práxis, conduta e comportamento pessoal e social, o *modus vivendi*.

A virada antropológica, ocorrida na modernidade, revoluciona o modo de pesquisa e põe o ser humano no centro da hermenêutica da realidade. Também estará à baila as orientações ao ser humano e seu agir ético.

Kant estabelece em suas *Lições de Lógica* quatro perguntas fundamentais sobre a concepção antropológica:

- 1) O que posso fazer? É objetivo de estudo da metafísica
- 2) O que devo fazer? É objetivo da moral
- 3) Que posso esperar? É objetivo da religião
- 4) Que é o homem? É objetivo da antropologia.

A ciência filosófica kantiana afirma que o sujeito moral é o homem todo. Um comportamento terá maior ou menor densidade moral na medida em que seja expressão da pessoa em sua totalidade.

O conceito de pessoa é fundamental para o estudo da moral. Esta só poderá ser compreendida no contexto daquela. O sujeito do comportamento moral é a pessoa com todas as características que vimos nela. Isto nos mostra que todas as categorias antropológico-morais têm de partir de uma orientação nitidamente personalista.

Quanto à dimensão do convívio humano-social, Aristóteles investiga a politicidade do homem. Se definir moral a partir da pessoa, ter-se-á que fazê-lo, obrigatoriamente, desde o lugar onde vive. O pensador assinala a “necessidade do outro” como o impulso para a convivência.

A necessidade fez se unirem aqueles que não podem existir um sem o outro, como são o homem e a mulher na finalidade da geração[...]. É também de necessidade, por razão de segurança, a união entre aqueles que por natureza devem respectivamente mandar e obedecer[...]. A família é assim a comunidade estabelecida pela natureza para a convivência de todos os dias[...]. A primeira comunidade por sua vez que é o resultado de muitas famílias, e cujo

fim é servir à satisfação de necessidades que não são meramente as de cada dia, é o município[...]. A associação última de muitos municípios é a cidade[...]. A cidade é por natureza anterior ao indivíduo, pois se o indivíduo por si mesmo não pode bastar-se a si mesmo, deverá estar com o todo político na mesma relação que as outras partes estão com seu respectivo todo (ARISTÓTELES, 1995, 1).

Emmanuel Lévinas desperta para a ética da alteridade. Superando a cultura do individualismo e com um sonho de construir parâmetros de ação que valorizem a própria dignidade, assim como a de todos. “O outro metafisicamente desejado não é o «outro» como o pão que como, como o país que habito, como a paisagem que contemplo, como, por exemplo, eu para mim próprio, este ‘eu’ esse «outro». Dessas realidades, posso ‘alimentar-me’ e, em grande medida, satisfazer-me, como simplesmente me tivessem faltado. Por isso mesmo, a sua alteridade incorpora-se na minha identidade de pensante ou de possuidor. O desejo metafísico tende para uma coisa inteiramente diversa para o absolutamente outro” (LÉVINAS, 1989, p.21).

Neste sentido, Peter Singer afirma: “para serem eticamente defensáveis, é preciso demonstrar que os atos com base no interesse pessoal são compatíveis com princípios éticos de bases mais amplas, pois a noção de ética traz consigo a ideia de alguma coisa maior que o individual” (SINGER, 1993, p.18).

O pensamento ético contemporâneo, fortemente influenciado pelos pressupostos históricos já citados, é plural e reportam às escolhas axiológicas preferenciais de cada um, escolhas fundamentalmente subjetivas. Jürgen Habermas, crítico da fórmula kantiana, apresenta o imperativo categórico da pós-modernidade, ligado à comunicação, que oferece uma nova compreensão da Razão Prática.

Outro expoente que referencia a moral contemporânea é Michel Foucault, dele Silva declara: “Foucault esboça uma ética, ligada às práticas constitutivas do sujeito e a uma estilística de si. (...) Se o cristianismo privilegiou a renúncia de si, o pensamento grego-romano faz-nos descobrir modelos onde se fundem ética e estética, longe da culpa e do mal” (RUSS, 1999, p.107). Este pensamento acende para uma ética de prazer e alegria a despeito do rigor da ascese e do autocontrole.

Hans Jonas, filósofo alemão, falecido em 2003, sugere a figura da “heurística do temor” interpretando as incertezas morais causadas pela tecnociência. Ele propõe um novo imperativo: “age de tal maneira que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica” (JONAS, 1995). Jonas leva em

conta a era tecnológica e tenta edificar uma nova ética posto que, para ele, a ética antiga se tornou caduca.

O sociólogo Lipovetsky sublinha a lógica “posmoralista”. Conforme Russ, “nossas sociedades democráticas teriam entrado numa cultura do após-dever, do além do imperativo” (RUSS, 1999, p.129). A ética dissolve-se numa moral neo-individualista indolor. “Quanto ao individualismo ganha e progride, o dever se edulcora singularmente e fica anêmico, em contato com o ‘melhor viver’” (RUSS, 1999, p.130).

O autor concentra sua análise do eu e a efemeridade. A cultura narcisista e a despolitização das responsabilidades. A palavra do mestre deixou de ser sagrada e a o marasmo pós-moderno resulta apenas da hipertrofia de uma cultura finalizada pela negação de toda a ordem estável. “A sociedade, cujo valor cardeal passou a ser a felicidade e massa, é inexoravelmente arrastada a produzir e a consumir em grande escala os signos adaptados a esse novo éthos, ou seja, mensagens alegres, felizes, aptas a proporcionar a todo momento, em sua maioria, um prêmio de satisfação direta” (LIPOVETSKY, 1983,130). Defende Lipovetsky: “Viver com o máximo de intensidade, ‘desregramento de todos os sentidos’, seguir os impulsos e a imaginação, abrir o campo das próprias experiências, ‘a cultura modernista é por excelência uma cultura da personalidade. Tem por centro o ‘eu’” (LIPOVETSKY, 1983, 79).

Alusivo a isto, identificam-se novas éticas ligadas à economia, à ecologia, às mídias e à saúde, esta última que deu origem à Bioética. A Bioética é um ramo da ética, responsável pelas questões ligadas à vida, que surgiu recentemente.

5.2. Bioética: novas conclusões para novas arguições

Para além de um neologismo, a Bioética é uma luz lançada problemas do mundo moderno.

Etimologicamente, Bioética é um ramo da ética associado à *bios* (vida em grego) que vem se tornado cada vez mais abrangente, aumentam as reflexões acerca dos valores relacionados ao ser humano e a fronteira entre a vida e a morte. Os conflitos pertinentes à saúde se somam aos do meio ambiente e a exclusão social¹⁶.

¹⁶ Aqui aferimos a todos os problemas sociais que causam danos à saúde, individual e coletiva, tais como guerras, violência urbana e doméstica, prostituição infantil, abandono de incapaz, ineficiência do SUS (Sistema Único de Saúde), corrupção política, regime de escravidão, entre muitos outros.

Os problemas acarretados pela injusta distribuição de renda e das riquezas. O difícil acesso de todos aos bens, recursos e técnicas que melhoram a vida das pessoas.

Bioética é mais uma de tantas expressões ligadas à *bios* que ganharam força: biotecnologia, biogenética, bioterrorismo, biomedicina, biocombustível, etc. são temáticas vinculadas à vida e à saúde. Em todas estas instâncias, a ética é essencial e inseparável. Logo, a Bioética atua neste âmbito, embora tenha abrangência maior.

Potter, citado por Pessini e Barchifontaine, define a Bioética como a “ciência da sobrevivência humana”. Para estes autores

as discussões bioéticas são acaloradas no que tange a seu estatuto epistemológico, a sua abrangência temática, a seus paradigmas, a sua fundamentação e a seus princípios. Enfim, quer seja uma disciplina, quer ciência ou mero desdobramento da filosofia moral (...) em tempos de novidades nunca sonhadas trazidas pela tecnociência (...), não há dúvida de que se trata de uma nova sensibilidade humana que leva a cuidar, zelar, promover dignidade humana e qualidade de vida (PESSINI e BARCHIFONTAINE, 2010, p.15).

Há um vínculo intrínseco da Bioética com o mundo da saúde por sua origem. A “bioética” foi um termo introduzido por Van Renselaer Potter em 1970, num artigo intitulado “*Bioethics, the Science of Survival*”. Gracia chama a atenção para o sentido amplo e muito relacionado à ecologia.

Temos uma necessidade de uma ética da terra, uma ética da vida selvagem, uma ética da população, uma ética do consumo, uma ética urbana, uma ética internacional, uma ética geriátrica e assim sucessivamente. Todos esses problemas demandam ações fundadas sobre valores e fatos biológicos. E todos eles constituem a *Bioética*, e a sobrevivência de todo o ecossistema é a prova do sistema de valores (POTTER *apud* GRACIA, 2010, p.121).

Entre os anos 1988 e 1998, Potter amplia e aprofunda a bioética no IV Congresso Mundial de Bioética. Defende se tratar “de uma nova ética científica que combina a humildade, responsabilidade e competência numa perspectiva interdisciplinar e intercultural e que potencializa o sentido da humanidade”.

A palavra “Bioética” foi matizada nos anos 70 por biólogos que visavam manter o planeta, da qual dependem e a vida humana e as futuras implicações dos avanços nas ciências e as modificações globais.

Potter relaciona a ética à ciência biológica. Ao fim de sua vida, ele dizia: “o que lhes peço é que pensem a Bioética como uma nova ética científica, que combina

humildade, responsabilidade e competência, numa perspectiva interdisciplinar e intercultural que potencializa o sentido da humanidade”¹⁷.

Mas pode-se considerar uma dupla paternidade à bioética. Além e quase simultâneo a Potter, André Hellegers atribuiu ao termo sua preocupação com os problemas éticos relacionados à origem da vida. Voltada para a saúde, a bioética tem origem no caso do Baby Doe (bebê morto). Uma criança com anomalia no aparelho digestivo e complicações fisiológicas e mentais. Ficou conhecido como o caso do “bebê incógnito” e as discussões ultrapassaram as paredes do hospital. Hellegers organizou uma conferência sobre o aborto. Uma fundação, denominada Kennedy, foi instaurada para a pesquisa e reflexão de temas polêmicos como este.

Seguindo a construção da bioética encontramos o jurista Pierre Deschamps. Afirma: “a bioética é a ciência normativa do comportamento humano aceitável no campo da vida e da morte” (DESCHAMPS *apud* DURANT. 1989, p.30).

David Roy aponta a bioética como “o estudo interdisciplinar do conjunto das condições que uma gestão responsável da vida humana (ou da pessoa humana), exige, no quadro dos progressos rápidos e complexos do saber e das tecnologias biomédicas” (DURANT, 1989, p.28).

O próprio Guy Durand designa a bioética sendo “investigação do conjunto das exigências do respeito e da promoção da vida humana e da pessoa, no setor biomédico” (DURANT, 1989, p.32).

São diversas definições que enriquecem a temática. Jaqueline Russ alude à Bioética como “a expressão da responsabilidade em face da humanidade futura e distante que está confiada à nossa guarda, e a busca das formas de respeito devido à pessoa – quer se trate de outrem ou de si mesmo –, busca que se efetua particularmente considerando o setor biomédico e suas implicações” (RUSS, 1999, p.140).

A Bioética é definida na *Enciclopédia*¹⁸ como “estudo sistemático da conduta humana no âmbito das ciências da vida e da saúde, enquanto essa conduta é examinada à luz de valores e princípios morais”. Desta a Enciclopédia.

A bioética abarca a ética médica, porém não se limita a ela. a ética médica, em seu sentido tradicional, trata dos problemas relacionados

¹⁷ POTTER, V.R.. Script do vídeo elaborado e apresentado para o IV Congresso Mundial de Bioética, 4-7 de novembro de 1998, realizado em Tóquio. Mundo Saúde. 1998;22(4) 6.

¹⁸ *Encyclopedia of Bioethics* surgiu em 1978 com o objetivo de apresentar e aprofundar a Bioética. Warren T. Reich, primeiro editor chefe. A primeira edição foi considerada o livro de referência e Daniel Callahan denominou-a “suma de ética médica”.

com valores, que surgem da relação médico-paciente. A bioética constitui um conceito mais amplo, com quatro aspectos importantes.

- engloba os problemas relacionados aos valores que surgem em todas as profissões de saúde, inclusive nas profissões afins e aquelas vinculadas à saúde mental.
- Aplica-se às pesquisas biomédicas e comportamentais, independentemente de influírem ou não de forma direta na terapêutica.
- Aborda uma ampla gama de questões sociais, relacionadas com a saúde ocupacional e internacional e com a ética do controle de natalidade, entre outras.
- Vai além da vida e saúde humanas, enquanto compreende questões relacionadas à vida dos animais e das plantas, por exemplo no que o concerne às pesquisas em animais e demandas ambientais conflitivas.

Está posto e trata-se de uma nova teoria, um novo paradigma. Esta “nova ética” trouxe contribuições tanto para uma refundamentação teórico-ético-filosófica, quanto para o agir moral em âmbitos particulares, como no caso específico a área da saúde. “O bom senso aconselha a ver os princípios como instrumentos para interpretar determinadas facetas morais de situações e como guias para a ação” (PESSINI e BARCHIFONTAINE. 2010, p.61).

Até então, os marcos referenciais originários da bioética são norte-americanos. Outro movimento de capital importância para a Bioética. Estudos voltados para saúde, a tecnologia médica e os problemas sociais, como a discriminação e injustiça. “Um forte saber social caracteriza a bioética latino-americana. Conceitos culturalmente fortes como justiça, equidade e solidariedade deverão ocupar na bioética latino-americana deverão ocupar lugar similar ao assumido pelo princípio da autonomia nos Estados Unidos” (PESSINI e BARCHIFONTAINE, 2010, p.66)¹⁹.

A Europa também teve seus expoentes. O alemão Fritz Jahr propôs um “imperativo bioético”, ampliando o imperativo moral de Kant “*age de tal modo que consideres a humanidade, tanto na tua pessoa com na pessoa dos outros, sempre como fim e nunca como simples meio, para todas as formas de vida. Respeite todo ser vivo, como princípio e fim em si mesmo e trate-o, se possível, enquanto tal*” (PESSINI e HOSSNE, 2008, p7). Jahr amplia os conceitos estabelecidos pelos norte-americanos e inclui todas as formas de vida.

¹⁹ Lembram os autores que o desafio será aprender dos norte-americanos e europeus, sem cair no imitacionismo, construir uma bioética que corrija os exageros das outras perspectivas e resgatar e valorizar a cultura latina e suas características e desafios, como a pobreza e a exclusão social.

Mainetti, bioeticista argentino, alerta para a superação de uma bioética de paradigma biomédico humanista, complacente e otimista em relação ao progresso, aos melhoramentos científicos a fim de assumir um papel crítico diante dos conflitos e da realidade multicultural, de diversidade e de aviltante quando de pobreza com mecanismos de empobrecimento muito ativos (Cf. MAINETTI apud PESSINI E BARCHIFONTAINE, 2010, p.67).

Para Hossne²⁰, “A bioética nasce de iniciativas concretas por parte das pessoas que assumem em seus contextos a reflexão ética (...) e nasceu em momento talvez de angústia e de profunda reflexão crítica”. Salienta o professor que a Bioética passou da exclusiva preocupação com a ética médica para identificar-se com problemas em outros foros. Por isso

foram surgindo expressões, válidas algumas, vazias outras, tais como Bioética autonomista, Bioética teórica ou metafísica, Bioética prática, Micro e Macro Bioética, Bioética do sujeito, Bioética individualista, Bioética comunitarista, Bioética política, Bioética da vulnerabilidade, Bioética da proteção, Bioética do indivíduos, Bioética da coletividade e, assim por diante (HOSSNE, 2006, p.673).

Christian de Paul de Barchifontane conceitua a Bioética como sendo ética. Para o autor, não se pode dela esperar uma padronização de valores. Ela exige uma reflexão sobre os mesmos e implica uma opção. Opção e ética supõem e implicam liberdade, liberdade para se fazer opção, por mais “angustiante” que possa ser. O exercício da bioética exige pois liberdade e opção. Enfim, conclui que este exercício deve ser realizado sem coação, sem coerção e sem preconceito.

Entendemos a partir das exposições do curso, que bioética não é ética pré-fabricada, mas um espaço de reflexão à procura de respostas para os dilemas do cotidiano ligados a vida, que transcendem os limites do proibido e permitido. Bioética visa a dignidade da pessoa e evidencia a qualidade de vida no e do planeta.

Bioética ainda não é um tema bem aceito, sobretudo por quem exerce funções práticas que determinam a vida ou a morte. Há uma resistência e confusão, por parte de quem crê, justamente, que a liberdade outorga o direito de escolher, optar e decidir à revelia e em detrimento da ética.

Bioética nem tampouco é um assunto consensual. Tem se tornado paulatinamente aceita e utilizada nos ambientes acadêmicos, científicos e sociais.

²⁰ Professor Willian Saad Hossne, premiado mestre em Bioética, recebeu uma homenagem e reconhecimento ao trabalho do docente que dedica a vida a defender a ética da ciência, com a preocupação com o ser humano.

Não é incomum, nem estranho encontrar quem interroge o significado e utilidade da Bioética.

A esta altura, algumas interrogações são necessárias: será a bioética somente reflexão, ou este novo ensaio ético emite um grito por mais dignidade e qualidade de vida para todos? A competência da bioética é ética-crítica ou também é moral-práxis? A bioética incumbe-se de observar e se posicionar, ou poderá arguir, denunciar, contrapor? Como a própria Bioética vai lidar com a pluralidade e subjetividade, uma vez que certos posicionamentos ético-morais não são unilaterais, mas relativos?

Considerando o fato de que a ética se faz num determinado contexto histórico, há um universo de historicidade correspondente à Guerra do Contestado. O fato histórico, segundo Masson Oursel, “constitui um lugar primário da dimensão ética da humanidade; é imprescindível para a teoria ética tem em conta a grande carga ética que leva consigo a dimensão histórica (MASSON-OURSSEL *apud* VIDAL, 1979, p.71).

A dimensão do *ethos* aplicada ao contexto da guerra torna evidente e explícita uma situação de vilipêndio, degradação e desrespeito à pessoa do caboclo, sua terra, seus costumes, sua gente.

5.3. A Bioética aplicada ao Contestado

A literatura sobre o Contestado tem sido muito enriquecida com as pesquisas e publicações dos últimos anos. Tem sido objeto de pesquisa o fato em si, sua história, geografia, o estudo dos sítios arqueológicos, a influência religiosa, o patrimônio cultural. O tema é mote para toda forma de arte.

A ética e a moral relacionadas ao assunto estão diluídas nos conteúdos publicados. Esta pesquisa propõe trazê-las para o centro da reflexão. Tratar do *ethos* do povo marcado pela Guerra do Contestado é evidenciar as questões éticas e morais, caracterizá-las como centro das reflexões e pesquisa.

Esta pesquisa arguiria: Como a Guerra do Contestado influencia a ética e moral do povo que sobreviveu ou foi influenciado por ela? Quais sinais evidenciam as marcas desta guerra? Em que a Bioética, como ciência da ética aplicada à pessoa e seu viver melhor, pode contribuir na reflexão e proposição de uma sociedade melhor, resgatando as pessoas marcadas pela guerra, da heteronomia e dos mecanismos de opressão e miséria?

Os estudos, pesquisas e observações têm resgatado esta história e a veracidade perturbadora dos fatos. Desvelam-se os criminosos heróis e a esta luta está longe de terminar quando se pensa em resgatar a dignidade e os direitos dos inocentes perdidos com a guerra.

Influenciados pelos sentimentos e ressentimentos da guerra, marcados pela sofrimento e movidos pela necessidade, esta gente foi se reestruturando e se recuperando muito lentamente. Após 100 anos, notam-se muitas coisas que implicam, na maioria delas, um grande imperativo ético: como afirma reiteradas vezes Nilson Fraga, “em uma luta entre desiguais, não há vitorioso e perdedor, mas sim, opressores e oprimidos, covardes e desvalidos”.

Há três modos de conceber a relação entre a bioética e a Guerra do Contestado. Nesta pesquisa será disposto de três formas: o passado, recuperando a guerra e seu desfecho; o presente e como vive o povo da região contestada; e o futuro, com as iniciativas que são necessárias o melhoramento da vida dos que naquela terra permanecem.

5.3.1. Um passado marcado pelo sangue

Violência extrema, situação de fome, miséria, abandono e por fim, um genocídio podem ser destacados como alguns problemas éticos desencadeados no conflitos.

O maior genocídio da história ficou conhecido durante a Segunda Guerra Mundial, com os campos de concentração do nazismo alemão. No entanto, em proporção menor mas não com menos crueldade, a história relata como foram dizimados os caboclos que, após expulsos de suas terras e na tentativa de defendê-la, junto com suas famílias, vão tombando ao chão e o manchando com sangue. A ponto de correr um rio de sangue, conforme remanesce a história dos sobreviventes.

Outra forma de aferir ao ocorrido seria definindo-o como mistanásia. Leonard Martin define a mistanásia como a morte miserável e infeliz de muitos, fora e antes da hora.

Dentro da grande categoria de mistanásia quero focalizar três situações: primeiro, a grande massa de doentes e deficientes que, por motivos políticos, sociais e econômicos, não chegam a ser pacientes, pois não conseguem ingressar efetivamente no sistema de atendimento médico; segundo, os doentes que conseguem ser pacientes para, em seguida, se tornar vítimas de erro médico e,

terceiro, os pacientes que acabam sendo vítimas de má prática por motivos econômicos, científicos ou sociopolíticos. A mistanásia é uma categoria que nos permite levar a sério o fenômeno da maldade humana (MARTIN, 1993 p.1).

Ainda que Martin tenha predicado a mistanásia dentro do contexto da saúde, Num cenário de guerra não pode se encontrar nenhuma razão que explique a atrocidade e a degradação humana. Os redutos foram dizimados, um a um. O extermínio é beligerante e incompaciente.

Os resquícios da guerra desencadearam numa heteronomia e solidificaram uma cultura de medo resistência e entrincheiramento, isto é, os sobreviventes da guerra e também da limpeza que fora feito mais tarde, permaneciam escondidos nas entranhas da mata numa vida de reduto e isolamento.

Havia um alento de esperança na convicção religiosa, firmada na pessoa de São João Maria. Um profeta que passou na região explicando sobre Deus, encorajando e animando o povo e dando referencias morais para os sertanejos. “Desamparados, ser terem a quem recorrer, os pobres sertanejos viam no monge o consolo para seus males e acabavam seguindo seus conselhos, que para este povo servia muito mais do que remédios ou bênçãos dos padres da região” (FRAGA, 2012, p.133).

O profeta desencadeou um sistema ético de cuidado da vida, das gentes, da natureza e de si próprio. Foi do monge as referências morais para viver e até sobreviver.

5.3.2. O presente e uma dívida social

O pós-guerra foi uma reconstrução lenta e dolorosa. O que restou foi um povo dispersado de suas terras, famílias fragilizadas e a derrota para o poder econômico, político e brutal. A região mais tarde receberia os imigrantes europeus que alargaram as fileiras da pobreza e da precariedade desta região.

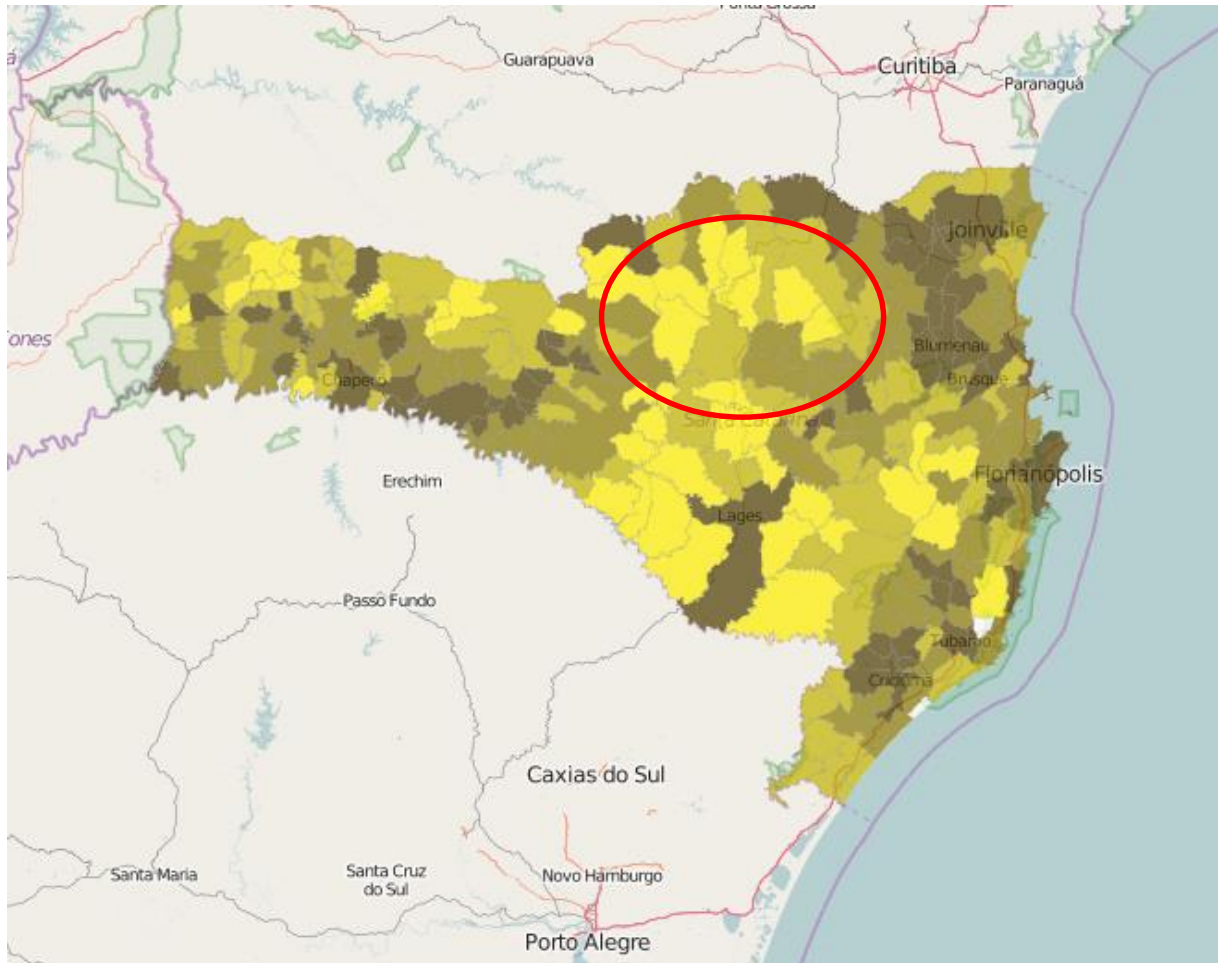
O Contestado é, atualmente, a região com o menor IDH do Estado de Santa Catarina. Sinais do abandono são visíveis na região, talvez ainda como retaliação ao povo que ousou contestar. A região foi dividida em duas partes: uma paranaense e outra catarinense, mas,

a rigor, os caboclos não reivindicavam nenhuma das duas (FRAGA, 2012, p.36).

Em primeiro lugar, resta uma imensa dívida social, cultural e humanitária. O esquecimento desta região, sobretudo por parte do governo, resultou na construção de uma sociedade desigual quando comparado ao restante da região e do Estado catarinense. O escasso investimento industrial, financeiro e estrutural faz desta a região mais pobre.

A região do Contestado se caracteriza como um enorme bolsão de miséria. É mister entender os altos índices de miséria na região. Há “um retrato regional” que revelam os baixos índices de qualidade de vida quando comparado a outras regiões. Há uma herança histórica de baixíssimo investimento na região, por conta do Estado ou da iniciativa privada. No inconsciente coletivo parece remanescer a ideia de um povo desordeiro, incapaz, preguiçoso e infértil.

As políticas públicas não chegaram a este lugar. Universidades, empresas que aumentem a geração de renda, cursos profissionalizantes são alguns dos muitos mecanismos sociais deficitários na região. Daí se descreve o índice de pobreza incomparável ao restante do Estado e região.



Fonte: IBGE – IDHM 2010

O mapa destaca em dourado a grande região contestada com baixo índice de desenvolvimento humano. Em cor marrom, as regiões onde há mais investimentos da iniciativa pública e privada, portanto, melhor nível e qualidade de vida.

Outro problema é, reconhecidamente, a falência humana. A baixa autoestima e a heteronomia incrustados nesta cultura, dificultam sua expansão e minimizam os potenciais. Os efeitos do conflito não puderam ser apagados. Conclui Esperidião Amim, no documentário “A Guerra do Contestado”: “O que se percebe que a região onde mais atuou a multinacional (*Lumber*), é uma região depauperada, ou seja, a participação desta multinacional contribuiu em nada para melhorar a capacidade econômica da região” (“A guerra do Contestado” 2, 2012).

A economia não deixou progresso nenhum. Até mesmo a ferrovia está abandonada. A pobreza é evidente até hoje. Há uma cultura de empobrecimento, de arrefecimento e abandono. Conhecer esta história leva à dívida histórico-social.

Para piorar a situação, a herança deixada na região, depois do extrativismo que roubou a riqueza da vegetação local, a imbuia e a araucária, nos últimos anos tem se tornado predominante a cultura do *Pinus Coniferae*, do grupo das *Gymnospermae*, que empobrece a agricultura, gera pouco emprego, reforça o latifúndio, sem consideram os impactos ambientais nocivos à biodiversidade e a sustentabilidade da ecologia local.

Uma invasão de imigrantes, que iriam perambular por muito tempo até conseguirem assentar-se com muita dificuldade. Eram mão de obra para a agricultura, para os outros serviços que substituirão o verdadeiro dono das terras: o caboclo nativo, ou o que sobrou dele.

Enfim, é esta herança histórica que caracteriza o ethos desta gente. O modo como vivem, o que pensam e como agem. O sistema de criação. Os valores e costumes. Os jeitos, os medos, a memória e as tradições, tudo é construção desta sucessão de fatos que recebem relevância e contumaz atenção.

Por muito tempo existiu uma espécie de silêncio público sobre a Guerra do Contestado. Desde o final da guerra até a década de 1980, esses assunto não foi objeto de atenção pública. Embora já houvesse uma farta produção de militares e acadêmicos sobre o tema. A partir dos anos 1980, como parte do processo de redemocratização do país, o conflito do Contestado passou, de distintas maneiras, a ser lembrado por movimentos sociais, órgãos de Estado e pesquisadores acadêmicos. No entanto, boa parte da população descendente dos seguidores do monge José Maria ainda apresenta uma memória da guerra fortemente impactada pela versão dos vencedores e pelos ressentimentos do olvido público. **Um acontecimento não lembrado é quase algo não acontecido.** (grifo nosso) A vergonha da derrota mistura-se com a sensação de irrelevância pública de uma experiência trágica presenciada (BORDIM *apud* FRAGA, 2012, p.322).

O Contestado ainda não acabou. Há uma história de dívida social, de sofrimento, de luta e resistência. Ainda é uma ferida aberta em muitos contextos. Carregado de controvérsias, como toda história vista de várias óticas, houve, ao longo da história, tentativas de apresentar o Contestado como a defesa do capital e do progresso. Foram omitidas e sepultadas a vida dos pobres que lutaram pela sua terra, suas casas, famílias, sua comida.

Essa dizimação deixou profundas marcas, que resgatadas podem trazer à tona os verdadeiros heróis desta revolução. Heróis tombados que deixam o orgulho de sua intrepidez. E aos que permanecem a herança que merece atenção, resgate e respeito.

5.3.3. Iniciativas futuras que contribuem na recuperação do Contestado.

Algumas iniciativas marcam o ressurgimento dos estudos, reflexões, discussões e até recuperam a dignidade e a memória do Contestado.

SEMANA DO CENTENÁRIO DA GUERRA DO CONTESTADO, EM SANTO ANTÔNIO DO TROMBUDO, LEBON RÉGIS, SC

PROGRAMAÇÃO
14 a 18 de Julho de 2015

14 de Julho de 2015

16:00 - Retorno de São João Maria, 100 anos depois - inauguração do Monumento ao Monge São João Maria
Local: Praça da Igreja Matriz de Santo Antônio

19:00 - Conferência: **Contestado 100 anos da Guerra, que manchou de sangue Lebon Régis - do passado ao presente**, com o Prof. Dr. Nilson Cesar Fraga, da Universidade Estadual de Londrina e Universidade Federal do Paraná.
Local: Salão Paroquial da Igreja Matriz de Santo Antônio

15 de Julho de 2015

10:00 - Instalação de uma placa alusiva aos 100 anos de participação de Lebon Régis, SC, na Guerra do Contestado.
Local: Prefeitura Municipal

14:00 - **Apresentações Teatrais Rememorativas ao Centenário do Contestado**, por alunos e professores das escolas estaduais e municipais. Local: Salão Paroquial da Igreja Matriz de Santo Antônio
Local: Salão Paroquial da Igreja Matriz de Santo Antônio.

19:00 - **Sessão Solene de Memoração dos 100 anos da Guerra do Contestado** - Centenário da participação de Lebon Régis no Centenário do Contestado - autoridades, população e convidados. **CONDECORAÇÃO, SANTO ANTÔNIO DO TROMBUDO, DE BRAVURA CABOCLA DO CONTESTADO.**
Local: Câmara de Vereadores de Lebon Régis

--- **ATIVIDADES PERMANENTES** ---

Exposição das obras de arte de Márcia Elizabete Schüller, **'CONTESTADO EM CORES, MARCAS DE UMA GUERRA INSEPULTADA'**.
Local: Salão Paroquial da Igreja Matriz de Santo Antônio

Exposição e venda de produtos coloniais e artesanais dos produtores e artesãos lebonregenses.
Local: Salão Paroquial da Igreja de Santo Antônio

16 de Julho de 2015

09:00 - **CAMINHANDO SOBRE SOLO DA SERRA DA BOA ESPERANÇA, PASSADO, PRESENTE E FUTURO, 100 ANOS DEPOIS.** Descerramento de uma Placa do Centenário com a Marcha de Ordem Unida do Clube Guerreiros do Advento. Saída da Igreja Matriz de Santo Antônio (traslado de ônibus).
Local: Sítio Histórico Serra da Boa Esperança

19:00 - Apresentação do documentário **'Terra Cabocla'** da Plural Filmes, de Florianópolis - debate do filme, com os participantes lebonregenses e o Prof. Dr. Nilson Cesar Fraga.
Local: Salão Paroquial da Igreja Matriz de Santo Antônio

17 de Julho de 2015

14:00 - **UM DIA PARA PENSAR O MUNICÍPIO NO CENTENÁRIO DA GUERRA DO CONTESTADO.** Reunião - repensando Lebon Régis, a cidade e o homem, por pesquisadores, professores, representantes políticos, associações, igrejas, população e convidados. Produção de um documento oficial da reunião, para que seja amplamente divulgado na comunidade.
Local: Salão Paroquial da Igreja Matriz de Santo Antonio

18 de Julho de 2015

17:30 - **Recepção da Imagem de São Sebastião e das Bandeiras, trazidas pelos Cavaleiros do Contestado de Lebon Régis.**
Local: Igreja Matriz de Santo Antônio

18:30 - **Missa Cabocla** - O Massacre dos Pobres, a boa esperança não pode ser perdida.
Local: Igreja Matriz de Santo Antônio

20:00 - **Jantar Caboclo** - Associação dos Caboclos do Contestado
Local: Salão Paroquial da Igreja Matriz de Santo Antônio.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LEBON RÉGIS - CÂMARA DE VEREADORES DE LEBON RÉGIS - SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
PAROQUIA DE SANTO ANTÔNIO DE LEBON RÉGIS - ASSOCIAÇÃO DOS CABOCLÓS DE LEBON RÉGIS
CAVALEIROS DO CONTESTADO DE LEBON RÉGIS - RÁDIO NOVA FM 104,9 DE LEBON RÉGIS.
OBSERVATÓRIO DO(S) CENTENÁRIO(S) DA GUERRA DO CONTESTADO

Cartaz de divulgação da semana comemorativa do centenário do Contestado em Lebon Régis / SC, 2015

Nenhuma iniciativa ameniza a dor do passado, nem apaga as lembranças dos antepassados do horror da guerra. Mas lembrar, celebrar e registrar esta história

é uma forma tênue de valoriza e respeitar a memória dos que lutaram pela causa mais nobre: sua vida, sua família, sua gente, seu chão.

O silêncio perante este fato era uma mordança deixada por aqueles que nunca quiseram que a verdadeira história fosse contada. Recentemente, sobretudo por ocasião do centenário, muito se houve e se tem escrito. Notadamente, perdeu-se neste ínterim silencioso o patrimônio cultural histórico nas memórias que foram se apagando com o passar dos anos.

Há que se recuperar o quanto possível tais espaços de memória. Como consta no Museu de Irani:

Deveria conservar e transmitir às gerações futuras ligadas aos fatos históricos que marcaram toda uma região, através de apresentações artístico-culturais e do recolhimento de fatos e documentos para o público e os pesquisadores do episódio conhecido como “Guerra do Contestado” (RELATÓRIO, 1980, 1).

O fato é que a Guerra é muito pouco conhecida. A história do Contestado vai ser ofuscada pela Primeira Guerra Mundial. A Imprensa brasileira que vai falar sobre os “fanáticos” é muito pequena ou insignificante.

Paulo Pinheiro Machado defende no documentário “Contestado: Uma Guerra Esquecida”, o processo de miserabilidade desta região. No sul do Brasil se quis construir uma imagem de desenvolvimento, europeização e “branqueamento da população”, a lembrança da Guerra do Contestado era algo que se deveria esquecer. A oligarquia do sul promove uma guerra de limpeza étnica.

Vários escritos, filmes e outros estudos foram aparecendo e, na medida em que as pessoas tomam ciência do acontecimento, vai se percebendo quanta história foi perdida e quanta distorção deste mesmo fato.

As iniciativas já existentes começam a demonstrar sua importância.

A Lei n. 12.143, de 05 de abril de 2002, do Governo do Estado de Santa Catarina, promulga a Semana do Contestado, anualmente, de 20 a 27 de outubro.

A Lei n. 12.060, de 18 de dezembro de 2001, do Governo do Estado de Santa Catarina, reconhece a Bandeira do Contestado como símbolo regional do Estado de Santa Catarina. Desta lei decorrem leis municipais que orientam seu hasteamento e permanência como símbolo perene da história.

Leis de tombamento histórico cultural e do patrimônio ainda são exíguas. Uma análise realizada na documentação do órgão executivo do governo catarinense para a cultura, a Fundação Catarinense de Cultura, evidenciou que houve, entre os anos

1979 e 1983, uma troca de correspondências com interlocutores na região de Irani, além de relatórios de atividades em que há uma forte preocupação em desenvolver formas de apropriação do local onde ocorreu o combate e transformá-lo em um espaço de memória sobre o Contestado, incluindo o seu tombamento como patrimônio cultural do estado²¹.

Alguns grupos em forma de redes e associações refletem e discutem e propõem caminhos para recuperar a dignidade, autonomia e autoestima.

A religiosidade mantém algumas marcas da força do monge e das tradições por ele deixadas. Porém, as novas gerações não veem muito sentido nestas lendas. Por isso, até mesmo o sagrado perde sua força. Romarias, recuperação de fontes do São João Maria e reencantamento com a vida e costumes dos antepassados.

Projetos de promoção humana e renda são necessários para extinguir a miséria instaurada desde a Guerra. Como lembra Nilson Fraga: “uma guerra insepulta. A guerra não acabou para aqueles miseráveis que lutam pela comida”²². Escolas, hospitais, indústrias, universidade, investimento na cultura, na infraestrutura e no ser humano, tão esquecido e abandonado, no Contestado.

Outras iniciativas refazem a memória e esclarecem os fatos. Conferências, museus, eventos culturais renascem a ideia e germinam o interesse nas novas gerações de descobrir a sua própria história que não se conhece.

O centenário do Contestado tem sido um fervilhar de ideias, publicações e celebrações. Tem suscitado reflexões, encontros, conferências e criação de novos regimentos, comissões, conselhos e redes. Há sugestões de tombamentos do patrimônio histórico-cultural e os sítios arqueológicos. Há iniciativas para potencializar o turismo regional. Propõe-se fortalecer políticas públicas de promoção social e individual a fim de desfazer o malfadado espectro do caboclo restituindo-lhe as qualidades idiossincráticas originais. Muitas iniciativas como estas se ensejam.

²¹ ARQUIVO da Diretoria de Patrimônio Cultural. Série: Diversos. Sub-série: Projeto Contestado. Assunto: Levantamento; Marcos e pesquisa; Relatórios; Documentação do Parque Temático do Contestado Irani. Caixa 05.

²² Seminário do Centenário do Contestado em Timbó Grande, em 31 de março de 2015. Sob tema “Contestado, o massacre e a guerra. 100 anos da páscoa sangrenta do Timbó Grande/SC.



Professor Nilson Fraga, em escavação arqueológica para encontrar fragmento de ossos no crematório de Perdizinhas. Segundo Fraga, neste local, ter-se-ia incinerado cerca de 800 pessoas. 2016. Acervo próprio



Um fragmento encontrado e em análise laboratorial. 2016. Acervo próprio

Entretanto, haveria por bem que o próprio poder público reconhecesse o crime de lesa pátria, até mesmo indenizando, de alguma forma, aqueles que foram vítimas do massacre.

Como conclui o documentário: “História do Brasil – Guerra do Contestado”:

O Contestado não é uma guerra do passado. É um crime que continua. O Estado Brasileiro não reparou o dano que causou à população cabocla. A estrada de ferro que cortou o Contestado, motivo da guerra, foi desativada totalmente em 1998. O caboclo “sem teto” ocuparam as casas e as estações ao longo da ferrovia. Eles voltaram para trás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como explicar que gente tão humilde, tão pobre, tão ignorante, tão primitiva tenha enfrentado forças tão poderosas e durante quase quatro anos sua resistência e seu protesto? Resistência e protesto que, sabiam, teria fim e que não poderia prevalecer, nem lhes garantir uma vitória. As páginas de audácia, coragem, malícia, habilidade, sangue-frio, fraternidade, destemor aos obstáculos, improvisação nas vicissitudes, transformando o frágil em forte, o rígido em flexível, preparando suas próprias armas, instituindo seus hospitais de sangue, sua disciplina na guerrilha, sua organização de retaguarda e de abastecimento, enfim, toda a estrutura de uma nação em guerra. Tudo isso desperta a curiosidade, o espírito de pesquisa, a investigação mesma (PEREIRA, 1966, p.235).

A curiosidade em pesquisar o Contestado foi despertada por ocasião da comemoração do centenário. Auscultando o contexto cultural e oriundo de uma das cidades reduto do Contestado, Timbó Grande,

Afirmamos, contundentemente, o genocídio ocorrido naquela ocasião. Telles narra que quando não há equiparação de forças, armas e adestramento, não há guerra, mas sim um massacre.

Sustenta Nilson Fraga, em discurso para seminário afirma:

Não deve haver dúvida de que o crime de genocídio cometido contra a população cabocla do Contestado, no sertão de Santa Catarina e do Paraná, foi de lesa humanidade, e portanto, imprescritível. Desta feita, a luta, agora inclui, Justiça e indenização por parte do Estado, pois, no mínimos, eles foram expulsos de suas terras ancestrais. Governantes tem uma dívida com a população cabocla sofrida da região do Contestado. Há a necessidade de investimentos em saúde, infraestrutura e educação, além do resgate e a preservação do patrimônio deles²³.

Com base nisso, o escopo desta pesquisa procurou investigar as marcas deixadas pela Guerra do Contestado, identificando as influências no modo de viver das pessoas e reconhecimento da guerra como genocídio, suas consequências infaustas e a contribuição da bioética no resgate da dignidade e autonomia e restauração do patrimônio cultural e histórico.

²³ Seminário do Centenário do Contestado em Timbó Grande, em 31 de março de 2015. Sob tema “Contestado, o massacre e a guerra. 100 anos da páscoa sangrenta do Timbó Grande/SC.

Procurou-se trabalhar em três dimensões. Um olhar para o passado, para o presente e para o futuro. Vicente Telles inspira: “Contestado é voz do passado, falando ao presente, alertando o futuro”.

O passado procurou remontar à guerra, o beligerante e fatídico massacre que dizimou milhares de caboclos que lutavam por suas terras e sobrevivência. O sangue derramado, os corpos abandonados, a perseguição aos sobreviventes tornaram ainda mais tormentosas os dias subsequentes.

Restou um caminho de pranto dos que sussurravam sem poder gritar, para não serem presos também. Restaram os famintos escondidos nos buracos das imbuías. Vão criar seus filhos num contexto de medo, que resulta hoje numa invisibilidade da região, abandono por parte do governo, heteronomia e até mesmo anomia, cultura de violência, fortemente constatada na família, nas festas, nos grupos sociais que por poucos acaba em morte e nos próprios discursos. Um antigo pároco relata em livro tomo de sua paróquia, numa das festas da década de 60: “Hoje na festa da igreja quase não aconteceu nada de ruim, apenas três para o hospital e dois para o cemitério”. Como quem espera ou está acostumado a coisa bem pior.

Compete às gerações atuais, aos políticos, educadores e outros atores sociais um resgate desta história. Que a história tenha sido o lamento de um rio de sangue, o futuro não pode ser comprometido pela falta dos presentes em buscar o esclarecimento das informações sobre a guerra, a reconstrução da memória cultural, histórica, recuperando os ambientes em que aconteceram os massacres.; o tombamento do patrimônio histórico-cultural; o trabalho para despertar a autoestima, do cuidado de si, de suas coisas e dos seus. Porém, há que se convencer do crime que foi a Guerra do Contestado contra o povo caboclo em sua terra e reivindicar os plenos direitos perdidos ao longo do tempo e de hoje em diante.

Há muito por fazer. Porque, devido à Guerra, perduram-se as carências, a precária infraestrutura, a fome e a miséria e o que é pior, a dor no coração que insiste em latejar naqueles que foram injustiçados, desterrados, vilipendiados. Essa é a luta do Contestado que perdurará ainda por muito tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS E ARTIGOS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicomaco**. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. Trad., coment. 4. ed. -São Paulo : Nova Cultural, 1991.

———. **Política**. Intr., trad. y notas de M. García Valdés. Rev.: M.^a L. Inchausti Gallarzagotia. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1995.

AFONSO, E. J. **O Contestado**. São Paulo: Ática, 1994.

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado: A organização da irmandade cabocla**. 2.ed. Florianópolis: ed. da UFSC, 1995.

BARCHIFONTAINE C.P e PESSINI L. (orgs). **Bioética. Alguns desafios**. 2 ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, Loyola, 2002.

BARROS, S. **Messianismo e violência de massa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1986.

BEAUCHAMP & CHILDRESS. **Princípios da ética biomédica**. São Paulo: Loyola. 2002.

BENTO, C.M. **A Revolta do Contestado (1912-1916) nas memórias e nos ensinamentos militares de seu pacificador**. Resende: Rio de Janeiro, 2013.

BERNARDET, J.C. **Guerra camponesa no Contestado**. São Paulo: Parma, 1979.

BOSI, E. **Memória e sociedade. Lembrança de velhos**. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

CABRAL, O. R. **João Maria – Interpretação da Campanha do Contestado**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

CUNHA, E. **Os Sertões: campanha de Canudos**. 35.ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.

CARVALHO, Gen. S. **Relatório da Campanha do Contestado**, 1915.

CARVALHO, J. M. **As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador**. In: FAUSTO, B. (org). História da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano. T.3, v.2, 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DERENGOSKI, Paulo Ramos. **O desmoronamento do mundo jagunço**. Florianópolis: FCC, 1986.

DURAND, G. **A Bioética**. Paris, Cert. 1989.

ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do estado. 2 ed. São Paulo: Escala, 2012 (Coleção Grandes obras do pensamento universal).

FRAGA, N.C. (org). **Contestado em Guerra**. 100 anos do massacre insepulto do Brasil.1912-2012. Florianópolis: Insular. 2012.

_____. **Vale da Morte: O Contestado visto e sentido**. Blumenau: Hemisfério Sul, 2010.

_____. **Mudanças e permanências na rede viária do Contestado: uma abordagem acerca da formação territorial no sul do Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2006.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GALLO, I. C. D. **O Contestado, o sonho do milênio igualitário**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999.

GRACIA, D. **Pensar a Bioética. Metas e desafios**. Centro Universitário São Camilo. Loyola. 2010.

HOSSNE, W. S. **Bioética: princípios ou referenciais? O mundo da Saúde**. São Paulo: out/dez 30(4), 2006.

JESUS, Samir Ribeiro de. **A formação do trabalhador catarinense: o caso do caboclo no Planalto Serrano**. Dissertação de mestrado, Pós-graduação em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

JONAS H. **El princípio de Responsabilidade**: ensayo de una ética para la civilización tecnológica. Barcelona, Herder, 1995.

KANT, I. **A metafísica dos costumes**. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 2005.

LAZARIN, K.M. **Fanáticos, rebeldes e Caboclos: Discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do contestado. (1916-2003)**. 2005. 147. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

LEMOS, Zélia de Andrade. **Curitibanos na história do Contestado**. 2 ed. rev. e aum. Curitiba: Imprensa Frei Rogério, 1983.

- LÉVINAS, E. **Totalidade e Infinito**. Edições 70, Lisboa. 1989.
- LIPOVETSKI, G. **A era do vazio**. Gallimard: Paris, 1983.
- LUZ, A. A. da. **Os fanáticos, crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos**. 2ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- MATOS, J.S, e SENNA, A.K. **História oral como fonte: problemas e métodos**. *Historiae*, Rio Grande, 2(1): 95-108, 2011.
- MONTEIRO, D.T. **Os errantes do Novo Século**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- _____. **Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado**. In *História Geral da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Difel, 1977. T.3. v.2.
- NEUHAUS, F.R. **Os fanáticos**. In: *Vozes de Petrópolis*, ano IX, vol. 1, jan./jun., 1915.
- ORTEGA y GASSET. **Destinos diferentes**. Madri, 1945.
- PEIXOTO, D. **Campanha do Contestado**. 3 V. Curitiba: Fundação Cultural, Farol do Saber, 1995. (Primeira edição de 1920).
- PEREIRA, O. D. O cinquentenário da guerra sertaneja do Contestado. Paraná-Santa Catarina. **Revista Civilização Brasileira**, Ano 1, n.9-10, set/nov, 1966.
- PESSINI, L. Distanásia: algumas reflexões bioéticas a partir da realidade brasileira. In: *Revista Bioética*. São Paulo, 2005.
- PESSINI, L. e BARCHIFONTAINE, C.P. **Fundamentos da Bioética**, Paulo: Paulus, 1996.
- _____. **Problemas atuais de Bioética**. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, Loyola, 2010.
- PESSINI, L; HOSSNE, W.S. Fritz Jahar: “**O imperativo Bioético**” – nas origens da **palavra Bioética**. In. *Bioethikos*, São Paulo. Centro Universitário São Camilo. V.2. N.1 Jan/jun, 2008.
- QUEIROZ, M. V. de. **Messianismo e conflito social – a guerra sertaneja do Contestado: 1912/1916**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- QUEIROZ, M.V. **Messianismo e Conflito Social**. São Paulo: Ática, 1981.
- RUSS, J. **Pensamento ético contemporâneo**. São Paulo: Paulus. 1999.
- SCHÜLLER SOBRINHO, O. **Taipas: origem do homem do Contestado**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.
- SINGER. P. **Ética prática**. São Paulo, Martins Fontes. 1993.

SPANNAGEL, Frei Candido. **Os jagunços do Sul.** *In: Vozes de Petrópolis.* Ano IX, vol.1, jan./jun., 1915.

STULZER, Frei Aurélio. **A guerra dos fanáticos (1912-1916): A contribuição dos Franciscanos.** Petrópolis : Vozes. 1982.

THOMÉ, N. **Levanta, nação do Contestado, tantas vezes contestada.** Caçador: A Imprensa, 1992.

—————. **Trem de Ferro – História da Ferrovia do Contestado.** Florianópolis, Lunardelli, 1980.

—————. **Guerra Civil em Caçador.** Caçador : FEARPE, 1984.

—————. **Sangue, suor e lágrimas no chão contestado.** Caçador: INCON edições / UNC, 1999.

SACHET, C. & SACHET, S. **Santa Catarina 100 de História – do povoamento à Guerra do Contestado.** Florianópolis: Século Catarinense, 1997, vol.1.

SCHMIDT, W. **Acordo divide a área litigiosa.** Gazeta do Povo, Curitiba, 17 nov. 2003.

STECA, L.C. e FLORES, M.D.F. **História do Paraná: do Século XVI à década de 1950.** Londrina. Ed. UEL, 2002.

VALVERDE, O. **Planalto Meridional do Brasil.** Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia. União Geográfica Internacional. Comissão Nacional do Brasil. XVIII Congresso Internacional de Geografia, 1957.

VIDAL, M. **Moral de Atitudes.** Moral Fundamental. 1 Vol. 5 ed. Aparecida/SP: Santuário. 1979.

JORNAIS E ENCARTES E DOCUMENTOS DE ARQUIVO

100 ANOS DO CONTESTADO. Santa Catarina nunca mais foi a mesma. Correio do Norte. Caderno especial. Dezembro de 2012.

BENTO, C.M. **A Revolta do Contestado 1912-15 no cenário de sua eclosão.** *In O Guararapes.* Ano 2012, n.7. FAHIMTB AHIMTB/ Resende 22 julho.

RELATÓRIO. Reunião sobre Museu de Irani. Arquivo da Diretoria de Patrimônio Cultural. Marcos e pesquisa; relatórios; Documentação do Parque Temático do Contestado Irani. Em 07 de janeiro de 1980.

DOCUMENTÁRIOS E SITES

Carta da Terra – Organização das Nações Unidas, 2002. Disponível em: < http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/carta_terra.pdf> Último acesso: 18 mai. 2016.

A Guerra do Contestado, 1 e 2. Direção: Orlando Minis. Documentário da FAFI e TV Milenium, Faculdade de Filosofia de União da Vitória. 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rQzJHL4X3-U>>. Último acesso: 14 Jan. 2016.

Guerra do Contestado: Uma Guerra Esquecida – Caminhos da Reportagem. Direção: Isabelle Gomes. Documentário. 7 de fevereiro de 2014. Disponível em: < <http://tvbrasil.ebc.com.br/caminhosdareportagem/episodio/contestado-uma-guerra-esquecida>> Último acesso: 25 jan. 2016.

EUA. **Laudo Arbitral de 1895 – Brasil/Argentina.** Por Grover Cleveland, 1985. Disponível em:< <http://www.info.lncc.br/att1895.html>>. Último acesso: 13 jan. 2016.

GNOATTO, Luiz Carlos. **Há 120 anos, EUA dava vitória ao Brasil sobre Argentina.** Disponível em: <http://www.jornaldafronteira.com.br/noticia/524/ha-120-anos-eua-dava-vitoria-ao-brasil-sobre-a-argentina.html>. Último acesso: 13 jan. 2016.

RUBIM, S. **As mulheres no Contestado.** 2008. Disponível em: < <http://contestadoaguerradesconhecida.blogspot.com.br/2008/04/as-mulheres-no-contestado.html>> Último acesso: 30 jan. 2016.

THOMÉ, Nilson. História do Contestado. **O avanço imperialista do Sindicato Farquahar no Constestado.** 2009. Disponível em: <http://nilson-historia.blogspot.com.br/2009/02/o-avanco-imperialista-do-sindicato.html> >. Último acesso: 13 jan. 2016.

TONON, E. **Virgens, videntes, guerreiras.** 2012. Disponível em: < <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/virgens-videntes-guerreiras>> Último acesso: 30 jan. 2016.

GUERRA DO CONTESTADO: 100 ANOS. O Estado de São Paulo. *In* Caderno Especial: Meninos do Contestado. São Paulo, 12 de fevereiro de 2012. Disponível em: < <http://topicos.estadao.com.br/contestado>> Último acesso: 11 fev. 2016.

AURÉLIO. Verbete: **Moral.** Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Moral.html>> Último acesso: 26 abr.2016.

MAPAS, FOTOS E FIGURAS

GEO-CONCEIÇÃO – Disponível em:

<<http://geoconceicao.blogspot.com.br/2012/07/guerra-do-contestado.html>> Último acesso: 28 de janeiro de 2016.

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/contestado/abertura>. Último acesso: 28 de Janeiro de 2016.

Disponível em: <<http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/Estrada-de-Ferro-Sao-Paulo-Rio-Grande/mapa-e-cronologia-da-EFSPRG.shtml>>)

MAPA - Disponível em: <<http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/Estrada-de-Ferro-Sao-Paulo-Rio-Grande/mapa-e-cronologia-da-EFSPRG.shtml>>

MAPA – IBGE IDHM 1991: Disponível em: <

<http://cidades.ibge.gov.br/cartograma/mapa.php?lang=&coduf=42&codmun=420820&idtema=118&codv=v01&search=santa-catarina|itajai|sintese-das-informacoes->>

Acesso em 29 abr. 2016.